

OS AMIGOS

AUTOR: Álvaro Varela

Número de personagens: 8 homens e 6 mulheres.

Personagens:

Roberto - amigo que saiu em viagem pelo Brasil

Beth - idem Roberto

Emília - mãe de Roberto

Maria - empregada da família de Roberto

Matilde - mãe de Beth

Evandro - pai de Beth

Otavinho - irmão de Beth

Pedrinho - adolescente amigo de Roberto e Beth

Huguinho - adolescente amigo de Roberto e Beth

Nestor - gerente de distribuidora de livros

Gilberto - fotógrafo

Chefe de secção - administrativo de uma firma

Maria Luiza - mulher de Otavinho

Soninha - amiga de Roberto

Número de páginas: 41

Número de exemplares: 1

Atos 5

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

Tema: Dois jovens adolescentes saem a viajar de carona pelo Brasil, ao retornar retomam, novamente, seus atritos com a família ea sociedade.

Obs: Primeiro texto com carimbo da PF e censura até 18 anos e o segundo com modificação e soltura para a liberação do mesmo como encena livre.

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA
TO. AD...
SUJEITO A... AUTORIZAÇÃO



REPRESENTANTE NO R. G. SUL

OS AMIGOS

FEÇA EM CINCO ANOS
DE ALVARO VARELA

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 635 - CEP 90010

A TODAS AS PESSOAS
ONDE ACERTECE O AMOR



- OS AMIGOS -

ATO I
A VOLTA AO LAR

Existia o sonho.
Milhões de jovens reunidos em algum lugar do país.
Digamos assim: um grande concerto de rock
lá no estado do Acre,
que fizesse com que uma infinidade de adolescentes se reunisse
e unidos pela mesma sede
conhecessem este Brasil tão grande, tão bonito,
tão desconhecido.
Mas Roberto e Beth não encontraram isto na sua viagem.
Pelas estradas brasileiras
dois ou três gatos pingados pediam carona
e o sonho já estava por demais gasto
para poder funcionar e causar um encontro como este.
Na cidade de Salvador aconteceu o pior:
um casal de amigos entrou em cansa,
perdendo todo o artesanato
e o direito de exercer a opção de vendedor nas ruas da bahia.
Os dois foram até o Maranhão, para conversar com os índios
e a viagem foi longa.
Passavam voando pelas cidades,
sem muitas vezes ter tempo para olhar o rosto das pessoas
que os achavam estranhos. Estrangeiros àquela monotonia
de não poder fazer as coisas: passar a vida inteira
num canto do mundo respirando as mesmas impossibilidades.
No fim da viagem, começaram a se sentir incrustados de Porto Alegre.
Ser gaúcho já estava se tornando um orgulho,
do mesmo modo que era maravilhoso se sentir jovem,
animal xucro que não admite domesticação.
Ainda mais num mundo, onde em todos os lugares
estava existindo o desânimo, aquela fé aleijada.
Enfim, Brasil, mil novecentos e setenta e oito.



cena I

BETH E ROBERTO SAEM DE UM CARRO
E FICAM CAMENHANDO COM AS MOCHILAS NAS MÃOS

Beth - Sujeito legal, não é?

Roberto - Foi camarada...
(breve silêncio)

Pois é, chegamos...

Beth - E agora?

Roberto - Tudo de novo, ora essa...

Beth - Cama de solteiro, escola, enchimento de saco
mamãe e mesada

Roberto - Chocante!

Beth - Chega a me dar dó...

Roberto - Veja só,
toda aquela saudade que dava na gente
resultando nisso!

Beth - É mesmo, não dá pra entender
tudo o que acontece com a gente, dentro da gente.

Roberto - Bueno, agora vamos aguentar no osso,
afinal estamos aqui.

Nos conhecemos e saímos daqui
e este é o nosso lugar.

...temos que sugar esta barra!

Beth - Sinto que vai ser difícil se adaptar novamente.

Roberto - Realmente, não vai ser fácil,
a cidade parece que não mudou em nada.

Beth - Deve ter mudado, a gente é que não vê.
Recem chegamos...

Roberto - As caras são as mesmas
e o gaúcho, eu sei, é ultra preconceituoso

Beth - Ah! eu não queria...

Roberto - Que nada, Beth, me abraça.

Tudo se resolve com o tempo.

Beth - Vou pegar o ônibus.

Me acompanha?

Roberto - Claro!

Onde é que a gente se encontra?

cena II

CASA DE ROBERTO. DONA EMÍLIA E A EMPREGADA NA COZINHA

D. Emília - Primeiro, limpa bem o arroz.

Higiene é fundamental para a boa comida.

Depois, põe a cozinhar no azeite,
até que ele fique dourado.

Enquanto isso, a água já deve estar fervendo,
pra ser derramada no arroz engordurado.

Empregada - Quando é que eu ponho o sal?

E a medida?

D. Emília - Isto, eu faço de olho...

Mas pra esta quantidade põe uma colher!

E não te esqueças que para o arroz ficar bem soltinho
é bom se enmergar. Assim... (mostra pra ela)

Empregada - Então quer dizer, que eu ponho o sal
na hora em que estiver cozinhando...

D. Emília - É...

ROBERTO ENTRA. OLHA PELA PORTA ENTRE-ABERTA

Roberto - Olá!

D. Emília - Mas olha quem é que eu vejo!

Querido! (se abraçam)

Eu nem acredito que eu esteja com o meu filho...

Parece mentira

Roberto - Olá, Maria



Empregada - Tu estás diferente, menino
cabelo mais comprido...

D. Emília - Ele está é mais magro!

Roberto - Não sei, mãe,
tenho me alimentado bem.

D. Emília - Mas, tu tivesse a coragem de passar mais de três semanas
sem mandar uma notícia.

A gente, aqui, preocupada! Sem saber onde tu estavas...

Roberto - Estava voltando.

Não achei necessário mandar notícias.

Afinal, já estava a caminho...

D. Emília - Não se desculpa!

Roberto - Ih! já vais começar?

D. Emília - Mas, na verdade,
com quem tu viajaste?

Roberto - Com uma amiga.

A senhora não conhece, nem adianta falar...

D. Emília - Já sei com deve ser...

Essas meninas de hoje não tomam jeito!

Mas, vamos sentar lá na sala. Conversar.

Maria Catarina, cuida da comida!

Põe mais arroz na panela...

Temos mais um na mesa.

cena III

CASA DE BETH. D. MATILDE E SEU EVANDRO ALMOÇAM À MESA.
BETH RECÉM ENTROU.

Beth - Eu trouxe este presente para a senhora.

Espero que goste...

Este outro para o senhor, e este para o Otavinho.

Onde está Otavinho?

Matilde - Ficou de vir almoçar conosco, hoje.

Beth - Que saudades dele!

Como vão as coisas por aqui?

Novidades?

ELES ABREM OS EMBRULHOS DOS PRESENTES

Evandro - Olha, filha, vai se levando.

Tu sabes que Otavinho não está mais aqui.

Alugou um apartamento ali na João Pessoa

junto com Maria Luiza. *Conte*

D. Matilde - Mas que amor! (em relação ao presente)

Não precisavas ter te incomodado!

Essa tua mania!

Me dá um beijo, querida.

Evandro - Humm! muito inteligente, essa tua recordação!

ELES RECEBEM UM TAMANCO GAÚCHO E UM POPEZINHO DE BARRO COM PIMENTA

Beth - Mas, continuando, pai

como vão as coisas por aqui?

Evandro - Pois é, como eu ia te falando,

Otávio está morando com Maria Luiza,

mas acho que eles não estão bem.

Estão sempre brigando...

Matilde - Mudando de assunto, como foi a viagem?

cena IV

CASA DE ROBERTO. O ADOLESCENTE CONVERSA COM A MÃE, D. EMÍLIA.

Roberto - Eu achei boa.

Das experiências que eu tive, mãe
foi das melhores.

Houve alguns imprevistos, como as caronas que não apareciam
lá no meio do sertão.

A senhora imagina que ficamos cinco dias pra sair de São Luís!



D. Emília - Vocês são realmente de morte!

Roberto - Demorou, mas pintou.

E quando conseguimos, apareceu a melhor que poderia aparecer.
Foi a carona que nos levou até Natal.
A senhora já imaginou uma carona uma carona de caminhão
que nos levasse de São Luís de Maranhão até Rio Grande do Norte?
Mas como vão as coisas por aqui?

D. Emília - Vão melhorando.

Estive muito mal. Adoeci em fins de janeiro.
Tu sabes que eu não gosto de empregada.
Não sou pessoa de ficar sem fazer alguma coisa,
mas o teu irmão Marcos, insistiu tanto para que Maria Catarina
viesses para cá, que não pude dizer não.
E também estava doente

Roberto - Tinha que ter alguém ajudando
Seria pretensão sua, pensar que não era necessário.
O que a senhora teve, mãe?

D. Emília - Ah! uma série de gripe e uns problemas de fígado

Roberto - Por que a senhora não foi pra casa de Marcos ou de Joana.

D. Emília - Não, isto não. Eu posso cuidar de mim mesma...
Não podia deixar a casa abandonada...

Roberto - Orgulho seu! O que é uma casa perto da saúde?

D. Emília - E tu, que não mandaste uma carta sequer, neste tempo todo.

Roberto - Como assim?

Eu mandei uma no começo de fevereiro. A senhora não recebeu?

D. Emília - Recebi. Mas não te esqueças que estamos em fins de março.

Roberto - Pois é, mãe, não dá pra senhora ficar exigindo assim
das pessoas. Elas sabem de si mesmas...

D. Emília - Tu dizes isto, por que tu és um indiferente.
Não ficar sabendo um do outro é coisa da cidade grande.

Não estou habituado a isto.
Por exemplo, se não fosse a Joana e o Marcos sempre aparecerem aqui,
ninguém saberia que eu estava doente, E aí?

Na cidade as pessoas morrem e se fica sabendo pelo jornal,
por que ninguém se visita, ninguém quer nada com ninguém.
Veja só, neste edifício ninguém se conhece. Nem os vizinhos de porta.

Roberto - Não achei necessário...

D. Emília - Tu podias ter escrito umas linhazinhas.

Só dizendo onde te encontravas.

Se estavas bem, coisas assim...

Roberto - Pois é...

D. Emília - Não que a gente fosse te procurar,
era só pra ficar sabendo

Roberto - Eu sei...

D. Emília - Um dia vocês vão entender. Marcos já está entendendo
essas coisas...

Tem roupa suja aí?

Roberto - Tenho. Mas nem vem...

Estou habituado a lavar!

D. Emília - Deixa de ser bobo...

Dá aqui estas roupas!

cena V

OTÁVIO E BETH CONVERSAM NA MESMA SALA DA CENA III
SEU EVANDRO ESTÁ PARA SAIR. MAIS DONA MATILDE.

Seu Evandro - Bem, vou trabalhar...

Plupei satisfeito em te ver. Só estás um pouco magricela, Beth
Vamos ver se pões uns quilinhos aí neste corpo...

Beth - O prazer foi meu!

Seu Evandro - Conversamos de noite

Beth - Tá legal!

D. Matilde - Vou preparar ovos fritos

SAEM SEU EVANDRO E D. MATILDE

Otavinho - Mas como é que é, Beth querida?
Quanto tempo!

Beth - Otavinho...
Tinha que ver a saudade que batia...



Otavinho - Me conta a tua viagem,
quero saber tudo!

Beth - Foi uma loucura!

Fomos até o Maranhão.

Otavinho - Eu desconfiei que vocês tivessem ido longe.

E o Roberto? Foi contigo, não foi?

Beth - Foi.

Mas boca de siri! Tu sabes como são os esquemas nesta casa...

Dona Matilde não é fácil!

Otavinho - Me conta como foi!

Beth - Bem, o Brasil realmente começa a partir de Salvador.

Da Bahia pra cima é outro papo.

A cultura é muito mais nativa, sem tanta colonização como no sul.

Otavinho - Encontraste muita gente daqui por lá?

Beth - Não.

Tem quase ninguém pedindo carona nas estradas.

O pessoal está muito desanimado.

Otavinho - Talvez os tempos tenham mudado, não é, anjo?

Beth - Nós encontramos o Marquinhos e a Graça.

Estavam lá em Salvador. Chegamos a morar com eles umas semanas

em Aremepe. Esta praia é a maior loucura, um dia tu terás que conhecer.

Mas o que eu ia te falar é que eles entraram em cana

Por quê?

Otavinho -

Beth - Foi chatíssimo, tu nem imaginas.

Perderam todo o artesanato e foram proibidos de vender lá
em Salvador.

Otavinho - Teve algum problema de juizado com eles?

Beth - Não. Eles são maior de idade.

Diz, agora, o que tem acontecido por aqui?

E a Mariazinha? Vocês estão juntos, não é?

Ouví um papo que briga é com vocês mesmo.

Otavinho - Continuamos.

Andamos um pouco de birra um com o outro,

mas tudo bem. Estamos morando num apartamentinho ali na João Pessoa.

Beth - PO! Não faz tanto tempo que saí daqui.

Me lembro quando vocês se mudaram...

O reboleço que deu...

Foi em dezembro.

Otavinho - Não. Foi em setembro.

FIM DO PRIMEIRO ATO



ATO II

À NOITE COM OS CAMARADAS

Os camaradas se encontram pelas escolas nas ruas, teatros, praças, shows de rock ou no alistamento militar.

Gosto de ti, Se não temos onde ficar, por que não namorar num banco de praça? Que grilo!

De repente, no meio de um papo furado, a maior revelação. A qualquer momento gostamos de descobrir!

A coroa não quer me ver na rua até muito tarde. Não é fácil! Mas apesar de tudo vou levando. Vou dar bola?

Tenho que trabalhar amanhã. Mas que faço, se está tão bom ficar aqui conversando?

Sei que todas as preocupações acontecem por que estou chegando a hora da decisão. O que fazer da vida?

O vestibular me enche de confusão. Não sou cavalo nenhum pra todo mundo ficar apostando em mim como se eu tivesse que ganhar o páreo nesta corrida de prado.

No ano que vem, vou me alistar. Já nem sei o que vai ser de mim...



cena I

Noite. ROBERTO E BETH SE ENCONTRAM NUMA PRAÇA PÚBLICA.

Roberto - A tua mãe é uma chata, uma mentirosa

Beth - Tu já sabias disso,
não vem com essa de surpresa, que não cola.

Roberto - Sabia, sim.

Mas pensava que esse tempo todo que passamos fora,
tivesse mudado um pouco a cabecinha deles.

Beth - Que nada!

Eles continuam iguais, cada vez mais iguais.

Roberto - Irritantemente iguais.

Beth - Parece que tudo o que vivemos não foi real.

Chega a dar uma angustia na gente!

Termos passado tanto tempo fora

Roberto - E na volta, tudo igual.

Mas isto que estamos vivendo não é sonho.

Temos que nos fortalecer compreendendo como e por que
as coisas acontecem desse jeito.

Por exemplo, hoje, eu me dei conta de por que a gente mente.

Quando a minha mãe me perguntou com quem eu tinha viajado,
senti vontade de mentir.

Ficou subentendido que eu tinha viajado contigo, mas não disse nada.

Aí, me dei conta, que era interesse meu, eles não saberem.

Assim como é interesse da tua mãe, dizer que tu não estás em casa,
sempre que eu te procuro.

Beth - É mesmo.

E a merda é que não se fica sabendo direito o que está acontecendo,
por que tudo acaba sendo um jogo de interesses.

Roberto - Isso não é nada.

Pior, é o ~~xxx~~ cara se sentir contraditório.

Tu sabes que eu estou sempre falando que a gente tem de se unir,

coisa e tal, e quando minha mãe falou, ou melhor, reclamou
que eu não tinha mandado uma carta sequer dando notícias nas últimas
três semanas, eu disse pra ela que não era necessário.

Disse que todo mundo sabia do seu nariz, e obrigatoriamente
teriam de resolver as coisas por si, o que é mentira,
pois tudo está interligado...

Beth - Não precisa esquentar a cabeça!

Roberto - É que eu gosto de ser inteiro, entende?

Beth - Tu tens umas idéias de vez em quando, que é o seguinte,
hein, amor...

Não concordo que tu tenhas que entregar o ouro para os bandidos.

Muitas vezes é necessário mentir. É uma questão de honestidade
contigo mesmo, senão vira ingenuidade, marcação.

Roberto - É que na realidade nós dependemos deles,
por isso dá esta repulsa.

Beth - Eu não quero que ninguém lá em casa, fique sabendo que eu viajei
contigo. Conheço os esquemas.

Antes da gente sair daqui, já era uma barra ultra pesada.

Imagina se eles escutam da minha boca tudo aquilo de bonito
que aconteceu entre nós dois.

cena II

EM CIMA DE UM MURO, DOIS ADOLESCENTES CONVERSAM

Pedrinho - Presenciei um por-do-sol, hoje,
que foi a maior loucura!

Huguinho - Onde foi?

Pedrinho - Lá no porto.

Atravessei o muro da mauá, e não quis nem saber
me sentei numa pedra ali no cais,

perto daqueles gigantescos guindastes.

Fiquei curtindo o rio, os barcos, os pássaros

e as cores do velho amigo, que mais uma vez morria.

TEATRO DE ARENA - 226-024
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 900



Huguinho - Um dia desses, eu tive a sensação mais estranha da minha vida! Foi quando eu presenciei o nascer-do-sol lá na praia...

Pedrinho - O que foi que houve?

Huguinho - Eu estava na praia. Tinha passado a noite conversando com a Miriam e pela manhã nós fomos assistir o nascer-do-sol. Menino, tu nem imaginas a sensação que me deu. Parecia que era a terra que girava em vez do sol.

Pedrinho - Que loucura!...

Huguinho - E é justamente isto o que acontece.

Só que estamos habituados a não sentir aquilo que se sabe. Eu curti milhões de vezes o sol, e nunca me dei conta, falo naquelas de sentir, que era a Terra que girava. Tentamente...

Pedrinho - Eu também

Huguinho - Estamos habituados a pensar. Nem sabemos, realmente, onde estamos metidos a cada instante.

Pedrinho - Também, nunca nos ensinaram a enxergar realmente e sacar os lances da vida

Huguinho - É triste, meu chapa mas passamos a vida inteira distraídos sem nunca se dar conta das coisas mais óbvias possíveis como, por exemplo, nós aqui em cima de um torrão de terra no meio do universo

Pedrinho - Ih! nem começa que eu acabo pirando!

Estes papos são de enlouquecer a cabeça de qualquer um

Huguinho - Tu não gostas de conversar sobre estas coisas?

Pedrinho - Acho que não leva a nada.

Não vale a pena ficar filosofando...

Huguinho-Como assim!?

Pra começo de papo, não estamos filosofando.

Eu estava te falando de coisas ultra concretas, que é, por exemplo, estar habitando em cima da terra, que vive em função do sol, que se a gente parar de respirar vai acabar morrendo, que temos um peso no mundo, não é de graça que estamos existindo, tudo tem o seu sentido...

Vê se entende, te falo de coisas ultra reais,

como o coração que bate desde que nascemos.

Que somos de carne e osso. Emoções, pensamentos, sangue suor, tesão. Digo que sou exatamente os meus dezoito anos vividos até agora.

Pedrinho - Calma!

Eu falei filosofando, por que frequentemente se cai em devaneios.

E isto não é bom

Huguinho - Tudo bem vamos aproveitar o momento de inspiração

e continuar sentindo o real.

Por exemplo, a lua!

Só pra tu veres o grau de insensibilidade em que estamos metidos eu te digo que não consigo perceber a distância que ela está da gente.

Pedrinho - Era pra se sentir

Huguinho - Eu olho e enxergo o céu e a lua chapados como se fosse um desenho. Era pra eu sentir a profundidade do espaço, não acha?

cena III

FRAÇA PÚBLICA. ROBERTO E BETH CONVERSAM

Roberto - Por que todo este vacilo?

Beth - Não sei,
sei lá!

não me pergunta tanto
não me exige!



Roberto - Não vem me dizer que não sabe.

A gente sempre sabe das coisas! Temos é a mania de dizer não sei.

Beth - Amor, é este lugar...

Porto Alegre não me engana. Assim como em qualquer outra cidade nós estamos no meio de edifícios

Roberto - Mas me diz algo de concreto, que te faça ficar com receio de se sentar num banco comigo e namorar.

Isso ainda não é um crime, ato subversivo ou escândalo...

Beth - Sei lá, amor

eu gosto mesmo é de me entregar.

Se não é a pleno, não me satisfaz.

O que vale ficar se agarrando pelos cantos sem poder se controlar?

Parece bicho!

Não 'tô afim, não insiste

Roberto - De que vale ficar se controlando, se reprimindo?...

Tudo por que falaram que era feio, pecaminoso...

Escuta, nenê, dar importância a estes papos é marcação, hein

Beth - Não é isso. Vê se entende!

Roberto - Escuta, Beth

se existe um lugar pra ficar, dormir e amar, ótimo.

Definitivamente ótimo!

Mas se não existe, por que não ficar namorando?

O que há de melhor do que ficar namorando, quando não se pode amar?

Beth - Tu entendes o que eu quero dizer?

Roberto - Com o quê?

Beth - Quando eu falo que prefiro te amar inteiro, entregue por completo do que ficar me agarrando pelos cantos.

Roberto - Não, Beth, eu não entendo!

Não entendo por que eu não gosto quando a gente se entrega aos grilos.

Nós temos que aproveitar todos os momentos!

Esse papo de se entregar só de vez em quando à pleno

é puro papo, por que temos que nos entregar sempre, a cada instante à pleno. Pelo menos com as pessoas que se ama.

E tem mais uma: eu não vou ter duas vezes dezanove anos

e tu também não terás duas vezes dezessete anos

e não vamos viver duas vezes este mesmo amor.

Tu sabes que as coisas passam, e temos que aproveitar os bons momentos para fortalecer.

Não quero chegar na minha velhice e perguntar pra mim mesmo

o que foi a minha vida,

o que fiz da minha juventude, e não saber o que dizer.

Quero aproveitar todos os instantes,

conhecer tudo o que for possível

e fazer coisas novas. Pelo menos, no nosso pequeno universo

Beth - Eu entendo o que tu estás falando,

só que estás exagerando. Pra variar...

Roberto - (brincando)

Não quero que na tua velhice

tu venhas questionar, se realmente soubeste o que foi amar.

Não, não quero que os grilhões da educação, da moral e do pudor

sejam maiores que a tensão que tu sentias nos teus dezessete anos,

aqui, nesta praça pública, em plena Porto Alegre, no canto do mundo

cenà IV

O MURO E OS ADOLESCENTES QUE CONVERSAM

Huguinho - Ai, a gente olha em volta, e se dá conta que não conhece nada.

Olha, Pedrinho, eu não sei das minhas possibilidades reais, e na maioria das vezes, não consigo nem me expressar direito. Compreende?



Pedrinho - Não concordo contigo.

Não dá pra generalizares. Eu conheço muita coisa!

Não sou trouxa...

Huguinho - Eu acho que em geral ninguém sabe nada de nada.

Tá todo mundo vivendo um mundinho ultra particular, sem nunca abrir os olhos pras coisas que estão acontecendo ao seu lado. Por exemplo, me dei conta que não conheço as pessoas que moram lá em casa. Muito menos os meus amigos.

Nunca observo onde é que estou metido, qual é a cor dos olhos, do cabelo, das roupas de quem está comigo.

Qual é o timbre da voz delas, o que realmente elas estão querendo me dizer, qual é o peso do meu corpo, o que estou sentindo, ou qual é a minha, aqui, nesta estória toda.

Quando eu olho a cidade

Que baixo astral!

Pedrinho -

Não me refiro a isto.

Huguinho -

Eu ia dizer que quando eu olho a cidade me dá um arrepio, só em pensar que tudo qui é trabalho. Desde a cueca até o asfalto da rua...

Pedrinho - É mesmo!...

Huguinho - Tudo numa cidade é trabalho!

Milhões de esforços transformando a natureza pra resultar no chão que a gente caminha, nas paredes dos edifícios, nas poltronas em que a gente se senta, nos lençóis, nas roupas, nos alimentos, nos livros. Enfim, em tudo até nos nos lances supérfluos

Pedrinho - E como tem!

Huguinho - E se a gente for se aprofundar

nós vamos nos dar conta que somos a continuação de nossos pais.

Pedrinho - Entendi!

E que eles são a continuação dos pais deles e que no final das contas

Huguinho - Nós estamos fazendo a nossa história

mesmo que a gente não saiba mesmo que não nos falem

estamos sendo a continuação dos fatos

Pedrinho - Nós estamos acontecendo

Huguinho - E eu não sei de nada, meu chapa

Pedrinho - Bom, dentro de umas, já é alguma coisa saber que não se sabe nada.

Eu posso te dizer que sei. Só sei!

Inclusive o teatro em que estamos nos apresentando

é fruto de uma evolução toda. As poltronas, as roupas das pessoas, o sapato delas, as paredes, o cenário, este palco, o figurino, o som que está rolando, é tudo fruto de um trabalho, seqüências de momentos.

Este teatro tal existe e foi construído por pessoas que não estão aqui, nem ouvimos falar

e este momento que estamos passando juntos,

mesmo que pequeno, é um fato nas nossas vidas

e deve ser considerado com importância. Assim como todos os outros milhões de instantes anônimos que vivemos distraidamente sem fazer questão.

Huguinho -

Como falaste bem,

até parece que nem foi tu

Pedrinho - Claro que fui eu!

Sou mais eu mesmo...

Huguinho - Olha quem vem vindo ali!

Pedrinho - Roberto! Beth!

Huguinho - Como é que é?!

Quantos anos!

Roberto - Que prazer encontrar vocês na calada da noite!

Pedrinho - Tudo bem, Beth?

dá um beijo no compadre!

Beth - Que alegria!

Roberto - Então, Pedrinho

o que se conta de novo?

Huguinho - Altos e profundos papos na calada da noite.

Beth - Como é que é, está sendo legal trabalhar nesta peça?

Huguinho - Óia, eu tô gostando

o Pedro eu não sei, e vocês?



Pedrinho - O que é que tem eu?!

Roberto - Nós voltamos sexta-feira passada daquela viagem.

Huguinho - Vocês são uns sem-vergonhas.

Aqui, em Porto Alegre já faz quase uma semana e nada dos amigos...

Pedrinho - É! seus indiferentes...

Beth - Ih! nem entra nessa...

Roberto - Puxa! nem queiram saber,

não está sendo fácil, se encaixar novamente nos velhos esquemas

Huguinhô - Eu sei

A gente vem naquele pique de conhecer tudo, de ser dono do seu nariz, andar por onde quiser, e, de repente é obrigado a se enquadrar nos velhos moldes do dia-a-dia

Pedrinho - Mas, afinal, como foi a viagem?

Roberto - Maravilhosa

Beth - Andamos por quase todo litoral brasileiro

Roberto - Na verdade ficamos mais tempo no nordeste

Beth - É, de São Salvador pra cima

Roberto - Tem que ver, é outro papo.

As pessoas são muito mais dadas.

É aquele papo: ou o nordestino vai com a tua cara e aí faz tudo por ti ou nem olha pras tuas fuças...

Huguinho - Muitas praias bonitas?

Beth - Bah!

Roberto - É, realmente, de tirar o chapéu

praia de Iracema, Arambepe, ih...infinidades de maravilhas

Pedrinho - Muita juventude, não é?

Roberto - Como assim?

Pedrinho - Vocês, eu falo...

Roberto - Aventura, juventude e loucura.

Sabe como é, férias maravilhosas

Huguinho - Pena que seja apenas nas férias, não é?

Roberto - É mesmo. Chega a doer por dentro.

Beth - Também não dá pra falar só nestes termos, por que lá em cima, nós pensávamos o tempo todo em voltar. Tinha que ver a cidade louca que batia na gente!

Roberto - Nós temos é que fazer as coisas por aqui mesmo.

Isto é uma coisa que não saía das nossas cabeças, que somos gaúchos e nem conhecemos a nossa terra

Beth - Bem precisa ir muito longe, nós nem conhecemos Porto Alegre direito, que dirá os mil lugares do nosso rio grande...

Huguinho - Que coisa incrível, gente!...

Estávamos falando nessas coisas à poucos minutos

Roberto - É que esses papos andam pelo ar

Beth - Pois é, por falar em minutos, que horas são?

Pedrinho - Quinze pra uma, quer dizer pras duas

Beth - Bem, acho melhor ir indo.

Não é bom criar casos, lá pelos lados de D. Matilde

Roberto - Vamos!

Vou levar Beth até em casa, volto já.

Vocês esperam?

Pedrinho - Vai mesmo, nós te esperamos...

Huguinho - Vamos amanhecer pelo jeito

A noite é criança e estamos tão dispostos...

Roberto - Ah! uma coisa...

Nesta viagem que nós fizemos, seguidamente desejávamos boa sorte para as pessoas, então pintou este sinal que equivale ao alerta dos escoteiros

Beth - Só que é dos tempos da Araruta, lembram?

Aquela revistinha em quadrinhos.

Huguinho - Ah! eu sei. Ande sempre ligado!

Eu tenho uma em casa. Foi maravilhosa...

Roberto - Então juntamos aquele sinal com o dos escoteiros e inventamos o sempre alerta, que tudo dê certo



Beth - Tchau, queridos

Roberto - Sempre alerta, e que tudo dê certo!

Huguinho - Sempre alerta!

Pedrinho - Que imaginação, hein!...

SAEM ROBERTO E BETH, MAS CONTINUAM NO PATCO
APENAS SE DISTANCIAM DOS DOIS ADOLESCENTES

Huguinho - Que barato, ver Roberto e Beth de volta!

Pedrinho - É! Só achei eles um pouco desgastados pelo sonho

Huguinho - É isto daí! Estão um tanto chocados em ver as coisas assim.
(breve silêncio)

Mas isto passa...

A ATENÇÃO PASSA PARA ROBERTO E BETH
QUE CONVERSAM FRENTE À CASA DELA

Roberto - Amnhã, eu vou ter trabalhar.

Começar naquele emprego...

Beth - Que tudo dê certo!

Roberto - Só vai dar!

Tem que dar! Se não der certo, eu dou um jeito
pra ficar. Nem tem motivo pra grilo.

Beth - Claro!

Roberto - O duro vai ser aguentar a barra de ser vendedor
de umas porcarias

Beth - Que nada!

Tens que te lembrar que tudo tem um preço.

Se tu queres dinheiro, os meios são duros e sujos geralmente.

Amanhã, eu vou falar com o Gilberto.

Tomara que saia aquela vaga no laboratório fotográfico.

Roberto - Ele não te falou que já era certa?...

Beth - Falou, mas a gente sempre fica com o pé atrás

Roberto -

Que nada!

Isto está mais pra insegurança, do que pra vaga preenchida

Manda um abraço pra ele.

Beth - Mando sim

Roberto - Agora dá um beijo

(beijam-se)

Pôxa, nenê, eu te adoro

Beth - Queria ficar a vida inteira neste abraço

Roberto - Fazer tudo abraçado:

ir a escola, almoçar,
fazer cocô, dormir, ler, trabalhar...

Enfim, tudo abraçado, apaixonadamente juntos

Beth - Bem, vou entrando

Roberto - Espera! (arranca uma flôr)

Beth - Querido!

Roberto - Dorme com ela

Beth - Vou andar com ela me encontrar contigo, amanhã.

E se eu não me encontrar contigo, amanhã

vou andar sempre com ela pra me sentir mais próximo de ti

Roberto - Que estória é esta de não se encontrar comigo, amanhã?

Claro que vamos nos encontrar! Amanhã eu venho aqui!

cena V

CASA DE BETH. DONA MATILDE E A ADOLESCENTE

D. Matilde - Que horas são essas!

Onde tu pensas que estás, pra fazeres o que bem entendes?

Beth - Ih! mãe, não me enche o sacco!

Eu sei da minha vida.

D. Matilde - Não sabe, não senhora!

Estavas com o Roberto, aquele mau-elemento...

Beth - A senhora quer fazer o favor de me respeitar!

Não vim lá do nordeste pra ouvir desaforos.

Vim pra cá por que gosto de vocês, e achei que estariam
morrendo de saudades. Poderia ter ficado lá. Tive mil convites...

Pessoas muito mais educadas que a senhora.



D. Matilde - Então tu foste até o Maranhão com aquele indivíduo...

Beth - Não falei isto. Não fale por mim!

D. Matilde - Firralha mal-agraçada! Ingrata!

Beth - Eu quero mesmo é sair desta casa.

Já não suporto mais...

A estupidez de vocês me fere a sensibilidade.

D. Matilde - Mal agradecida!

Beth - A senhora não entende nada

e se continuar assim, vai morrer sem entender bosta nenhuma

D. Matilde - Fica quieta! Olha o palavrão!

Beth - Não fico.

A senhora tem de ouvir. Tem de ouvir tudo.

Saber que não é proibindo, coagindo e dominando

que a senhora vai conquistar o meu amor e o do Otavinho.

Não, dona Matilde, não é assim. Desse jeito, não.

A senhora vai conseguir é muita indiferença.

D. Matilde - Cala a boca!

Beth - Não calo.

E tenho mais coisas para dizer.

No momento que eu puder sair desta casa, deste inferno,

eu vou sair. E ninguém, ninguém no mundo vai impedir...

D. Matilde - Vai deitar! (bate nela)

Beth - Pode bater.

As dores que a senhora me causa hoje

serão suas amanhã. E aí eu vou ver...

cena VI

OS ADOLESCENTES HUGUINHO PEDRINHO E ROBERTO
CONVERSAM SENTADOS NUM MURO.

- Enquanto os meus cabelos crescem,
a cabeça de meu pai vai ficando branca.
E sem querer, vou tomando meu lugar nesta cidade,
neste mundo. E a história vai acontecendo
por que eu sou a continuação deles.
E mesmo que eu não queira,
ou mesmo que não me digam,
isto estará sendo a minha vida
e eu não teria a carinha de pau
de tentar ser feliz sozinho
ou dizer que tudo está bem, se estiver bem apenas pra mim.
Por que as coisas andam juntas,
e nunca estarei separado dos meus conterrâneos
ou das coisas que estão à minha volta,
por que simplesmente
respiramos o mesmo ar.
Então, quando te perguntarem se tu estás bem,
pense nas coisas que não são feitas
e em tudo aquilo que está acontecendo com os velhos e jovens
da tua cidade, do teu bairro, da tua casa.
E não te sintas sozinho
pois vai ser impossível continuar existindo
sem respirar o mesmo ar
que todos estão respirando.



ATO III

AO TRABALHO!...QUE BATALHA

Dói na gente
quando pinta aquele sentimento de impotência.
Ter que fazer tudo ao contrário do que se pensa,
pra poder sobreviver.
Dói quando não dá pra manter os critérios!

Dona Matilde proibiu Beth de trabalhar.
Não quer que a menina crie asas
e voe longe das suas ~~suas~~ saias
ou melhor, que faça tudo aquilo que pensa fazer.
O importante é agir rápido,
não dar oportunidade à independência.

O quê, tu queres mudar o mundo?!

Não sei, mãe
desde que cada pessoa fique diferente do que é
as coisas já estarão se transformando...

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



cena I
ESCRITÓRIO DE UMA DISTRIBUIDORA DE LIVROS.
GERENTE DE VENDAS, SEU NESTOR E ROBERTO

Gerente - Em primeiro lugar, você deve ser simpático!

Regra número um, dois pontos, o cliente é sempre quem tem razão!
Mesmo que seja um chato e nem deixe tu falares.

Depois de conquistada a atenção do indivíduo,
você estará com meio caminho andado.

A partir deste momento é tudo com o vendedor.

Uma boa explanação preenche todos os defeitos que um cliente
possa apresentar. E se ele der um pouquinho mais de atenção,
não perca tempo! Crie nele uma necessidade daquele produto!

Faça com que, a partir daquele interesse, ele sonhe em possuir
estas enciclopédias.

Faça com que estas obras entrem no rol das coisas mais importantes
a serem adquiridas.

Você deve deixar claro, que depois de adquiridas estas mercadorias,
a vida dele naturalmente se modificará.

Enfim, ele será um tolo se não comprar...

Roberto - Seu Nestor, o senhor deve saber que estes livros
não são a saída pra todos os problemas.

Eu não posso proporcionar tamanha ilusão em sujeito algum...

Gerente - Mas, que!... Dá a pasta aqui!

Não quero que tu vendas mais estes livros!

Roberto - Não!

Gerente - Como tá vais vender um produto,
sem acreditar nele!? Quem não acredita nestas maravilhas,
não pode vender!...

Mas que!...vou acabar estragando o prestígio destas obras,
deixando nas mãos de um vendedor sem fé.

Roberto - Não, seu Nestor...

O senhor tem que entender que eu não posso sair por aí,
dizendo que estou vendendo a maravilha das maravilhas,
pois elas não são tão maravilhosas...

Acho que são boas, mas não me exija
que eu diga que elas são a maravilha das maravilhas,
que elas apresentam a solução para todos os problemas,
elas não apresentam.

Gerente - Se você, no momento da venda, for explicar com este pensamento,
já estará perdendo o cliente.

Um homem sem o entusiasmo da confiança não é ninguém!
Você tem que acreditar no que está vendendo!

Roberto - Vamos ver o que acontece...

Gerente - Posso acreditar em você?

Dá pra apostar?

Roberto - Olha, seu Nestor, isto é com o senhor...

Não sou gente de ficar dizendo por aí
que podem apostar em mim. Gosto que os gestos denunciem a verdade...
tá sabendo?...

Gerente - Bem, antes desair, lembre-se que o caminho da boa venda
é AIDA.

A, de atenção, significa que você deve fazer o máximo
pra conquistar a atenção do cliente.

Ser simpático: Como vai o senhor? Não estou incomodando, não é?

Se estiver, posso vir outra hora!

Lembre-se disso, Roberto, pois toda a venda deve começar
agradavelmente.

O segundo passo é I, ou seja, INTERESSE.

Com os estímulos necessários, você deve criar interesse no indivíduo,
para que ele conheça o produto que está sendo apresentado.

Nestes momentos, meu jovem, a boa explanação é a única receita.

Depois vem D, de desejo. É a etapa em que se conhece o bom vendedor.

Sabe por quê? Por que não se ensina ninguém como perceber as vaidades
ou caprichos de uma pessoa. Ou o vendedor é bom e usa as característi-
cas do cliente, ou o vendedor não percebe estas coisas e não consegue



criar desejos neste mesmo cliente.

A coisa é simples: todo o cidadão é um comprador em potencia. Então até ele vir adquirir, consumir as nossas maravilhas, basta que um bom vendedor crie necessidades nele.

Ponha na cabeça deste alguém, que sem estes livros, ele não será mais ninguém na vida. Que todo o conhecimento que ele tem sobre a cultura universal está desatualizada, e que chegou, finalmente o momento do re-aprendizado.

Por final, chegamos na última letra: A, de ação.

É a hora de atacar! "Bem, meu senhor, a obra custa \$1.800,00.

O senhor diz o dia que quer receber a obra e assina aqui..."

Frequentemente, eles costumam dizer: "Ah! mas eu não posso.

Estou desprevidido!" Então o leal vendedor ataca: "Não tem problema! Temos dois planos para este caso..."

Roberto -

Bem, seu Nestor,

o papo está muito bom, mas eu tenho que ir indo.

Não quero perder o dia inteiro aqui.

A não ser, é claro, que o senhor venha a adquirir uma destas maravilhosas coleções!...

Gerente - Está certo, -rapaz. Vá em frente, o futuro é seu!

Confiamos em você, mas não se esqueça do AIDA!

É o caminho do sucesso...

cena II

LABORATÓRIO FOTOGRAFICO).

GILBERTO, O PROPRIETÁRIO DO STUDIO CONVERSA COM BETH

Gilberto - Beth, se você prestar bastante atenção, em pouco tempo estará dominando o processo.

Primeiro prepara o revelador. O interruptor pode ser a água, não tem problema. Depois, por último, o fixador...

Beth - O revelador tem dois ingredientes, não tem?

Gilberto - Exatamente. Primeiro se dilui na água aquele do potezinho menor, depois o resto que estiver solto na caixinha.

A temperatura deve rondar os vinte graus, mas nem te preocupa, por que estamos com uma temperatura média igual a esta...

Beth - Para o fixador serve a mesma medida de temperatura?

Gilberto - Esta temperatura serve pra qualquer um.

Tu sabes preparar o fixador?

Beth - Sei, mas é boa que tu digas, pra realmente não ter erro.

Gilberto - O fixador tem dois ingredientes:

estes grãos grandes e transparentes é o fixador, propriamente dito.

E este pequeno é o conservador. Tu não podes esquecer de misturar o pequeno, por que é ele que faz não amarelar as fotos ou o filme.

Dilui ele por primeiro, depois o grande.

Ah! antes que eu esqueça, separa tanto o pozinho como o pozão em cinco partes partes iguais, por que eu comprei substância suficiente para cinco litros. É mais barato...

Então, cada fatia dessa divisão serve para um litro d'água.

Beth - Mas, não dá pra diluir toda esta substância em cinco litros d'água.

Gilberto - Lá, daria...mas, eu te pediria que fizeste somente um litro.

Por que eu já tenho fixador preparado para papel.

Eu queria um litro novo pra revelar estes negativos.

É sempre bom revelar filme com todos os ingredientes novos.

A qualidade fica outra!

Beth - Tudo bem, eu só pensei em simplificar a questão.

Mas é isto daí que tu falaste: antes de tudo qualidade!

Gilberto - Depois de pronto os líquidos, abra o tanquinho de revelação.

Nós costumamos usar aquele de cinco carretéis, mas pra experiência use este individual.

Escuta esta dica: põe o filme pra dentro, em vez de seguir o caminho da espiral. Muitas vezes tranca, e aí é um saco. Nem queira saber...

Beth - Deixa eu experimentar.

ELES EXPERIMENTAM O PROCESSO DE TANQUE, FILME, REVELAÇÃO



Chefe da secção - Olha, no momento...

Roberto - Já imaginei!

Deve ser a maravilha da Administração de Empresas.

Só que o senhor está sem dinheiro no momento.

Eu entendo, despesas na família, as crianças na escola, esta época realmente não é fácil, ainda mais num mundo onde a vida não para de subir... Mas com o Roberto da Cultura e Sorte Ltda, realmente, o senhor vai ter sorte. Não existe motivo pra preocupações.

Podemos conversar sobre os planos: à vista, ela está por \$ 1.800,00. Mas existem vários planos à prestação como, por exemplo, uma entrada de \$950,00 e outra parcela de igual valor, ou então uma \$950,00 e duas de \$500,00. Caso não lhe agrade, podemos entregar a obra agora e o senhor começaria a pagar somente no mês que vem.

Chefe da secção - Desculpe a franqueza, mas chato como o senhor só o senhor pra saber. Acabou de me convencer.

Roberto - Ótimo!

Em qual dos planos que o senhor se enquadraria?

Chefe da secção - Prefiro este último que o senhor falou...

cena IV

LABORATÓRIO FOTOGRAFICO. D. MATILDE CONVERSA COM GILBERTO.

D. Matilde - Queria falar contigo, Gilberto

Gilberto - Às suas ordens, d. Matilde

D. Matilde - Pode me dizer se Elizabeth está trabalhando aqui?

Gilberto - Está. Desde ante-ontem.

Não dá pra dizer que já esteja efetiva... Estamos fazendo um tipo de estágio, entende? Mas ela vai muito bem.

D. Matilde - Pois, eu vim avisar que eu não quero que minha filha trabalhe.

Gilberto - A senhora pode me dizer por quê?

D. Matilde - Por que eu não quero!

Ela é menor de idade e não tem condições de saber o que quer da vida.

Gilberto - Pois eu acho que ela tem.

D. Matilde - Sou responsável por ela e enquanto eu for responsável por ela quem manda na vida dela sou eu.

Gilberto - Ai é diferente...mas não venha me dizer que ela não sabe o que quer,

que ela sabe muito bem. Ela é muito inteligente.

D. Matilde - Acho bom tu não insistires. Pode chamar minha filha?

SAI GILBERTO E ENTRA, NA VOLTA, COM BETH

Beth - Mãe! O que a senhora está fazendo aqui?!

D. Matilde - Eu é que te pergunto!

Quem te autorizou a trabalhar?

Beth - A senhora quer fazer o favor de me respeitar!

D. Matilde - Vamos pra casa!

Beth - Não vou!

E saia daqui! Não quero nunca mais ver a sua cara!

D. Matilde - Viu, Gilberto! Viu o que dá estes trabalhos!

Olha o grau de aflicção em que ela está!

Gilberto - Beth, não fica assim...só vai piorar a situação.

Beth - Deixa de ser estúpida!

D. Matilde - Eu vou acabar tomando sérias providências!

Beth - Não dá bola pra ela, Gilberto

Gilberto - Não, Beth

eu não posso deixar de dar ouvidos a tua mãe, por que, afinal de contas, ela é a tua responsável.

Beth - Gilberto, vês se entende!

Gilberto - Me diga uma coisa, por que a senhora não quer que ela trabalhe? Trabalho honesto...

Afinal de contas, é melhor do que ficar vagabundeando.

D. Matilde, não vejo sentido nisto tudo.

D. Matilde - Eu quero que ela estude!



Gilberto - Mas ela não continua estudando?

Beth - Mas, tu não entendes? Não enxergas?

Não te deste conta do que está acontecendo?

Ela não quer que eu trabalhe por que me quer debaixo de suas asas.

Ela não quer que eu tenha meu próprio dinheiro e faça a minha vida, minhas coisas, que aos poucos eu seja dona do meu nariz.

Ela quer me ver dependendo

D. Matilde - Chega de escândalo, vamos embora!

Beth - Ela é uma totalitária!

Viu, Gilberto, compreendeste agora?!

As coisas vão acabar mal, desse jeito.

A senhora não entende que está estragando tudo...

Gilberto - Não faz assim, menina.

Não te exalta!...

D. Matilde - Pois eu estou te dizendo, rapaz...

ela não era assim. São as más-companhias, o trabalho, estas viagens...

cena V

NO MEIO DA RUA, ROBERTO

Roberto - Bem, depois de três visitas, consegui vender uma enciclopédia. Está bem...

Daqui, eu tiro os meus duzentos cruzeiros e se eu vender cinco por dia, tiro meus \$1.000,00

Mas será que estes duzentos pila pagam o sufoco de eu não ter opção? De ter que ser canalha, assim como trabalho para os canalhas, para poder sobreviver.

Ter que mentir...dizer que estas porcarias são boas, quando na verdade não são. Será que estes \$200,00 curam esta dor? De que vale saber o que eu sei, se os meus gest os traem tudo?

Eu, hein!...que digo coisas tão bonitas, agora alimentando esta sujeira.

Até parece que sou um publicitário...: Seu carro também é gente, trate-o com Mobiloil!

ENTRA OTAVINHO

Otavinho - Que fazes aí parado?

Roberto - Como é que vai?...levando?

Otavinho - É. Poderse dizer que é o termo.

Trabalhando na agência e estudando na faculdade. Que horas são?

Roberto - (olhando o relógio de uma loja)
Pelo o que vejo, são dez da manhã.

Otavinho - Tudo bem, tenho tempo pra conversar

Sabe, o dentista é às onze. Obturação de canal

Roberto - Bah! é brabo...

Otavinho - Mas o que fazes aqui, à estas horas da madrugada?

Roberto - Estou trabalhando. Não te lembra que te falei?

Estou vendendo livros! Não é fácil, meu chapa...

Otavinho - Tem vendido bastante?

Roberto - Olha, comecei ~~uma~~ à dois dias e hoje

a depois de três vistas, já vendi uma.

Está indo bem pra iniciante como eu.

O que dói é ter que vender uma porcarias destas.

Dizer que são boas, que se o sujeito não comprar,

ele vai acabar perdendo o maior lance da paróquia.

Isto é que dói.

Otavinho - Bah!

Roberto - Já nem sei o que faço!

Estava aqui parado com um turvelíneo de idéias girando na minha cabeça

Otavinho - Como são as coleções, enciclopédias?

Roberto - Olhá só! (apresenta o mostruário)

Otavinho - Bah! não aguentei...eles são umas carinha de pau, não é? Eu sei que é brabo quando dá na gente este sentimento de impotência, de estar sendo manipulado, e de não possuir opções para viver..

Mas é isto daí mesmo, não tem escapatória

Roberto - E o pior de tudo, é que eu estou precisando deste dinheiro



Otavinho - Se for necessário tu servires aos todo-poderosos, tudo bem, serve. A gente não tem condições de viver sem dinheiro, mas não te esqueças de construir paralelamente a tua própria vida das coisas. Fica forte por saberes que és fraco, e te informa das coisas que estão acontecendo e aconteceram...tudo se repete!

Roberto - Eu sei de tudo isso, tu sabes.

Mas de repente eu tive a impressão de não ter saída, de ser tudo ilusão: essa esperança teimosa que faz a gente respirar, insistir, sorrir e pensar que sabendo das coisas, inevitavelmente, já se está transformando as coisas. De repente, me deu a impressão que era impossível transformar as coisas. Que a gente está sendo manipulado e que muitas gerações continuaram mortas além da nossa.

Otavinho - Sempre te enxerguei como um cara forte, decidido...

Roberto - Sei lá, meu chapa, fiquei confuso.

Quase enlouqueci quando me vi mentindo, traindo tudo aquilo que eu penso. Duvidei de tudo, então.

Otavinho - Não te preocupa, que estas confusões passam.

Não é crime tu teres que fazer coisas feias pra poder comer. Se tu tens que sobreviver, tens que sobreviver. Nenhuma filosofia vai responder às necessidades do teu estômago.

O que é chato é ser indiferente.

Sabe, Roberto, est ou afim de fotografar muito. Fazer cinema. Vou estudar até o fim, sair daqui do país como bolsista e tirar os grandes cursos que tem lá fora. Aprender as grandes técnicas pra poder realizar grandes coisas aqui. Filmes verdadeiros que falem das nossas barras. Então, se eu tiver que fazer besteiras em agências de propaganda pra ter um dinheiro no bolso enquanto eu estudo, tudo bem, Não super-homem, sou uma pessoa que tem necessidades vitais. E pra isso tem que se usar os meios que estão aí.

Roberto - Eu sei disso tudo. Só que dói pra burro...

Otavinho - Tens que te lembrar que somos privilegiados.

Tem gente aí se escabelado pra poder continuar vivendo.

Nós, no entanto temos cama, comida, boa formação, estudos, e nossas opções sempre serão melhores do que alguém que não completou nem o ginásio ou que nunca estudou. Sepre vamos ter saídas para nossos problemas

Roberto - Não sei...



ATO IV

COISAS DO AMOR

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90000

Não te preocupes, se demora séculos
pra acontecer um encontro.
Uma coisa é certa: tudo acontece no seu momento.

Estas brigas de casal não aconteceriam tanto
se tivesse mais compreensão na parada,
se o dinheiro não se metesse no meio...
Como é difícil fazer com que esta porcaria
não interfira nos nossos gestos!...

Realmente, a Beth andava insuportável...
Se não fosse o internamento,
sei lá o que estaria acontecendo com ela...

Vocês não podem fazer isto!
Não é justo!

Pois é, querida, no momento do desespero
aquela menina foi minha companhia.
O que eu iria fazer?
Naquela hora não poderia ser indiferente ao carinho...

Pois é, meu chapa, eu te falei
o bom é esperar. Nunca se apressar nos lances!
Por mais incrível que pareça
quando não se está afim,
é quando mais acontece o amor...



cena I
HUGUINHO E PEDRINHO NA RUA

Pedrinho - Sai com a caranga do meu pai, ontem e foi a maior das maravilhas. Passei a noite entre eu e os nenens e os nenens e eu. Só que deu uma tristeza no fim da noite

Huguinho - Por quê?

Pedrinho - Sei lá, é difícil encontrar a menina ideal

Huguinho - Sei...

Pedrinho - Estou mais afim é de ganhar uma caranga logo.

O meu velho ficou de me dar uma, se eu passasse no vestibular. E eu passei e ele não me deu. Disse que agora só dá se eu terminar o curso antes do tempo. Mas eu falei que engenharia não era bolinho, que já era legal eu ter passado no vestibular, e que eu não iria apressar bosta nenhuma por que eu queria assimilar bem o curso e que ele tinha que me dar a carreta por que afinal de contas era chato dizer uma coisa e não cumprir.

Huguinho - Por que esta necessidade?

Pedrinho - Por quê? Eu é que te pergunto por que esta pergunta!

É ótimo ter um transporte. Não naquelas de ficar dependendo, mas naquelas de ficar sentado, indo onde se quer.

Ganhando tempo, energia e nenens, hein pessoa

Huguinho - Tu tens uma idéias de vez em quando, que me decepçiona. Tu achas que as meninas andam contigo pelo teu carro ou pelo homem que tu és?

Pedrinho - Que pergunta!

Huguinho - Pois é, tu ficas falando que é difícil achar a menina ideal, coisa e tal. Tens que assumir. Se não pinta a menina é que talvez tu não estejas fazendo nada para que ela pinte.

Huguinho - Convenhamos, Hugo, é mais fácil batalhar de carro do que de perna. Pra cara ralado, elas nem dão bola.

Huguinho - Essas que não dão bola são meninas que não merecem a gente. São pessoas que visam um objeto, não outra pessoa. Então, nesses casos, é melhor andar sozinho, do que mal-acompanhado.

Pedrinho - Tu que falas tanto, me diz onde estão as tuas namoradas!

Huguinho - Eu não batalho.

Por mais incrível que pareça, quando o cara não está afim, é quando mais pinta. Realmente, não sinto vontade de sair comendo as garotinhas por aí. Sei lá, estou interessado num lance mais quente do que passar a noite com alguém e acordar sozinho.

Pedrinho - Eu já não faço tanta estória.

Huguinho - Isso é estória?

Não me diz isso que eu enlouqueço!

Na minha terra, isto é alternativa.

Escuta, meu camarada, estou afim de um lance que me derrube.

Que me mostre novos horizontes e ensincoisas novas.

Enchi o saco dessas coisânhas pequenas e infelizes...

Pedrinho - Olha o idealismo do outro...

Huguinho - Idealismo uma pívica. Sei que vai pintar.

Estou sem transar com alguém, já faz tempo. Mas conservo cá comigo aquela esperança de um grande encontro. E sei que vai acontecer.

Sinto no peito...

Pedrinho - Olha...

Huguinho - Acho mais sadio do que ficar perdendo a vitalidade à toa por aí. Mesmo que demore, vai ser mais completo do que mil namoricos.

Pedrinho - Não sei se isto é correto.

É batalhando que se encontra...

Huguinho - Tu achas que estou marcando?

Pedrinho - Não sei da tua vida. Sei da minha...

Estou de olho em tudo... Olha lá aquelas perninhas!

Huguinho - Não é a namorada do Otavinho?

Pedrinho - Não. É um par de pernas anônimas, apaixonadamente graciosas, como tu dirias... não é, Huguinho?



cena II

(OTAVINHO) E MARIAZINHA SENTADOS EM UM ÔNIBUS.

Mariazinha - Não me chama de teórica! Não sou...

Otavinho - É sim. Tu sabes muito bem é falar.

Agora me diz se tu conseguiste aquele emprego,
que tu sabes que tens que conseguir.

Mariazinha - Não fica dizendo o que é que eu tenho que fazer.

Se não consegui é que não pintou.

Otavinho - Do jeito que tu batalhas, sabe quando tu vais conseguir?
Nunca!

Tu não fazes nada pra acontecer...

Mariazinha - Quem falou isto?

Otavinho - Olha, Mariazinha, quem não te conhece pode pensar
que tu és uma pessoa que agita bastante, mas eu, que estou sempre contigo,
posso dizer que tu estás mais afim de curtir do que arrumar a tua vida.

Nega isso?

Mariazinha - Já não te suporto mais!

Otavinho - É que não gostas de ouvir

Mariazinha - Cala a boca!

Otavinho - Não calo. Tens que te flagrar.

Estás marcando e não queres assumir as falhas.

Mariazinha - Pára!

Otavinho - Não precisa te exaltar.

Que tu queres provar com isto?

Que berrando vais conseguir me convencer do contrário?

Mariazinha - Eu vou pra casa da minha mãe.

Otavinho - Vai mesmo. Assim talvez tu te flagres um pouco das coisas

Mariazinha - Tu consegues fazer com que eu te odeie.

Otavinho - Tenho que te falar assim, senão tu não te dás conta.

Na hora do pega, tu sempre cai pra casa da tua mãe.

Na hora do papo acertado, tu sempre berras.

Tu sempre estás falando que sabes das coisas,

mas na verdade tu não seguras barra nenhuma.

E o emprego na firma do peido pai do Silvino?

E o concurso da Caixa Economica?

E a decisão sobre o que tu queres da vida?

Tudo isto tu sempre deixas pra depois...

Até parece que estamos brincando de viver juntos!...

Mariazinha - Pôxa, Otavinho, como tu és nojento!

Até parece que olhas pra mim pra ver o que tu queres ver,
sem exergar o que realmente acontece.

Tenho batalhado o que posso. Se não consegui, era de esperar
que tu fosses mais compreensivo.

Queria te dizer que existem milhares de pessoas desempregada,
e este problema não é só meu.

Quanto à definição da minha vida, decidi pela psicologia, mesmo
que eu tenha rodado no vestibular no ano passado.

Só acho incrível como a gente briga. Por qualquer coisa
parecemos galo de rinha.

Otavinho - O que vou fazer?

Mariazinha - O que vais fazer?!

Otavinho - Tu não fazes nada da vida,
fico uma fogueira contigo.

Mariazinha - Vamos nos separar!

Vou voltar pra casa da minha mãe e de lá vou ver o que acontece
no meu rumo... Sei lá fico em Porto Alegre. Talvez eu até saia daqui...

Bem, vou descer

Otavinho - Também vou

Mariazinha - Não vem junto

Otavinho - Convencida!

Quem falou que ia junto?...

DESCEM DO ÔNIBUS



cena III

ROBERTO BATE NA PORTA DA CASA DE BETH.
DONA MATILDE ATENDE.

Roberto - Olá, dona Matilde!

D. Matilde - Sim, o que deseja?

Roberto - Queria falar com a sua filha.

D. Matilde - Ela não está!

Roberto - Não sabe onde ela foi?

D. Matilde - Não.

Roberto - A senhora poderia dizer a que horas eu encontraria a sua filha em casa?

D. Matilde - Não posso te dizer.

Roberto - Ah! eu sei...

ela não tem hora pra chegar. Esta sempre narua...

D. Matilde - É só!?

Roberto - (pequena pausa de quem pensa)

Poderia dizer pra ela aparecer na minha casa, hoje à noite? Sabe como é, depois que se começa a trabalhar só resta a noite pra fazer alguma coisa...

D. Matilde - Escuta, Roberto, eu quero te dizer que não vou dar recado nenhum pra ela.

E você me faça o favor de não me aparecer mais por aqui!

Roberto - A senhora poderia me dizer por que não quer dar o recado pra ela?

D. Matilde - Em primeiro lugar, eu não gosto de ti, e não vou ficar batendo boca com uma criança. E em segundo lugar, quero te noticiar que ela está internada.

Roberto - O quê!?

D. Matilde - E é impossível falar com ela. Está incomunicável...

Roberto - A senhora não pode ter feito uma coisa destas!

D. Matilde - Ela estava insuportável!

Voltou intolerável desta viagem... Não queria saber de nada, dormia até tarde, andava com uns amigos horríveis, chegava a hora que queria e andava ingerindo drogas...

Roberto - A senhora não pode afirmar isto!

D. Matilde - Posso sim!

E não tenho que ficar dando explicações.

DONA MATILDE BATE NA PORTA NA CASA DO ADOLESCENTE

Roberto - Mas eu amo a sua filha!

O que a senhora quer que eu faça? Estou trabalhando, sou estudante, tenho carteira assinada, vou ingressar na universidade. Não sou bobo nenhuma.

Vocês não podem tratar Beth assim!

Não é direito, não é justo!

Não podem internar quem não tem nada de louco Logo Beth que está bem. Muito melhor que muitos de vocês. Seus totalitários!

ROBERTO VAI SE RETIRANDO E ENCONTRA SONINHA

Soninha - Mas que cara é esta?

O que foi que aconteceu?

Roberto - Maltrataram meu amor.

Soninha - Como assim?!

Roberto - Internaram a Beth. O que adianta tu saberes se não a conheces.

Soninha - Conheço sim! Não é aquela que estava contigo sábado passado lá no Cinema um?

Roberto - É. Não lembrava de ti.

Soninha - Mas que chato isso... desde quando ela está hospitalizada?

Roberto - Não sei

Soninha - E a que hospital ela está?

Roberto - Também não sei



Soninha - Mas afinal, o que tu sabes?

Roberto - Na hora eu fiquei tão aturdido, que não me ocorreu de perguntar onde ela estava ou desde quando havia acontecido a tragédia. Imagina a Beth sendo arrastada pelos homens de branco!
Que horror, menina!

Soninha - Tu tens que te antenar!

Justamente tu que estás sempre falando que temos de ficar despiertos. Que devemos dormir com os olhos entreabertos pra não se descuidar... Justamente tu deves praticar... Sempre alerta, não é assim?

Roberto - Sonia é o teu nome, não é?

Soninha - Soninha.

Roberto - Pois é, não queiras passar pelo que estou passando, soninha.

Soninha - Não te desespera!

Roberto - É fácil dizer

Soninha - O que se pode fazer pra saber onde ela está?

Roberto - Quem sabe falando com o irmão dela.

Soninha - Onde ele mora?

Roberto - Ali vem vindo ele...

OTAVINHO - ABECE DE CARA AMARRADA

Estávamos falando de ti

Otavinho - O que aconteceu?

Roberto - Fui na casa da tua mãe e ela disse que internaram Beth

Otavinho - Não brinca!

Roberto - Pois é, como a gente poderia ficar sabendo o hospital?

Otavinho - Eu vou ver. Faz mais de duas semanas que não vou na casa da minha mãe.

Mas nem acredito, Roberto. Chocante!

Roberto - Como se fica sabendo?

Otavinho - Já te disse, vou ver o que aconteceu, realmente então te falo. Pô! não esperava isso da coroa...

Eles estão fervendo, hein

Roberto - São uns totalitários

Otavinho - Ela não fazia nada por ela

Roberto - Como assim?!

Otavinho - Não dá pra dar balão.

Ela entrava tropeçando de tão doída lá em casa, dormia até tarde, voltava a hora que queria e ainda brigava com eles, não dava uma palavra pra mãe...

Roberto - Pois é, dona Matilde proibiu ela de trabalhar. Não é por acaso que ela ficou assim

Otavinho - Mas eles são dureza, meu irmão Não dá pra facilitar com eles. Se facilita, dança. E aí? O que eu não entendo é que ela sabia disso tudo.

Roberto - O brabo é que ela era muito reprimida por eles

Otavinho - Marcação não justifica nunca.

Se ela não conseguiu continuar o trabalho com o Gilberto, que batalhasse outras saídas.

Por exemplo, eu pedi pra ela cuidar de uns slides pra mim e ela não quis, disse que estava ressabiada. Queria dar um tempo. Que tempo é esse? Marcação dela, por que ela poderia descolar uma nota trabalhada do assim de biscate, e descolando uma nota aqui e ali ela não dependeria tanto da dona Matilde e seria mais fácil suportar aquela barra.

Bem, tenho que ir...

Roberto - Me diz como fico sabendo?

Otavinho - Vou na tua casa. Tchau, guria. Tchau, Roberto

OTAVINHO SAI

Soninha - Tchau

Foi muito bom te encontrar, Roberto Queria não te ver com essa cara!

Roberto - É a única que eu tenho

Soninha - Vamos dar um passeio pela Redenção?

Roberto - (pensando) Quem sabe...



cena IV
HUGUINHO PEDRINHO E MARIAZINHA CONVERSAM NA RUA

Huguinho - Então, quer dizer que tu és a Mariazinha que transa com
Mariazinha - Sim

Huguinho - Conheço a irmã dele. A Beth
Sou muito amigo do Roberto.

Mariazinha - Pois é, só que eu e Otavinho não estamos mais juntos.
Não nos entendíamos. Os gênios não se acertavam...

Huguinho - Como assim?!
Sempre vi vocês na rua e sempre senti alta vibração.
Não era uma relação bonita?

Mariazinha - Olha, foi bonito enquanto durou.
Depois que nos mudamos para aquele apartamento, sei lá,
ficou gozado. Quase insuportável...

Huguinho - Que incrível!
Mariazinha - Mas de onde nos conhecemos?...

Huguinho - Da rua, sei lá
Mariazinha - Como é que é, Pedrinho
não vai apresentar a gente?

Pedrinho - Beth, ele é o Huguinho.
Hugó Cabral, futuro grande poeta brasileiro

Huguinho - Ih! sei dessa
Mariazinha - Ah! tu escreves...Poesia?

Huguinho - Sim.
Mariazinha - Declama a mais bonita
Huguinho - Depois te mostro.

Não estamos aqui, neste ato da peça,
pra mostrar pras pessoas as minhas poesias.
Estamos aqui, agora, pra vivenciar casos de amor

Mariazinha - Realmente, não dá pra desvirtuar
Huguinho - (depois de uma pausa) Como é bom estar contigo!

Pedrinho - Bom, vou indo, pessoal
Mariazinha - tá legal
Huguinho - Tchau, Pedrinho

PEDRINHO SAI
Huguinho - Não sei o que vai ser do mundo...
Mariazinha - Cada vez que eu penso, me dá um arrepio.

Huguinho - Mas todo o encontro me reanima
Mariazinha - Bah! nem se fala...

Huguinho - O que tu fazes da vida?
Mariazinha - Agora vou ter que arrumar a minha vida.
Com todos os lances que pintaram entre eu e o Otávio,
meio que tudo se desequilibrou. Na verdade, não estou afim de ficar
na casa de minha mãe, mas estou desempregada
e até pintar alguma coisa, vou ter que ficar por lá.
Me dá vontade de subir para o Rio ou São Paulo. Sei lá o que vai
acontecer...

Huguinho - Já pensei em subir pra cima.
Também pensei em Florianópolis. Santa Catarina é uma loucura
pra viver, mais bonito que aquilo, não sei.

Mariazinha - Eu penso muito num centro maior
Huguinho - Qualquer lugar é lugar
Mariazinha - Depende do que tu queres fazer.

Huguinho - Sei lá, eu digo que qualquer lugar é lugar, por que
estamos num país, continente sub desenvolvido
onde se tem tudo por fazer. (silêncio)
Poderíamos fazer alguma coisa junto, não acha?

Mariazinha - Quem sabe...
Huguinho - O que tem que acontecer,
inevitavelmente acontecerá...

Mariazinha - Acredito nisso...
Sabe que eu gosto do teu jeito?...

ENTRE ROBERTO E SONINHA



Soninha - É este namoro aí, hein?

Roberto - Vocês sabem que internaram a Beth

Huguinho e Mariuzinha -

O quê!?

FIM DO ATO IV



TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000

ATO V
ENTRE AMIGOS

- O que vai se fazer além da sinceridade?!

- Escuta, nenê, aconteça o que acontecer
eu vou te contar tudo o que se passa comigo,
por que é desse jeito que a gente vai se conhecer.
- Gosto de ti, por isso estou contigo aqui, agora...

- Eu dava força pra um jogo da verdade!
- Onde fossem colocados todos os grilos da gente
e que todo mundo ficasse sabendo, dum jeito bem claro,
com quem está andando
e afinal de contas, onde é que está metido...



cena I

BETH ESTÁ NUMA PRAÇA. É NOITE.

ROBERTO CHEGA POR DETRÁS DELA

E COLUCA SUAS MÃOS NOS OLHOS DA ADOLESCENTE

Beth - Roberto +

Como eu não iria identificar estas mãos!

Que saudades tuas, salandro...

Roberto - Estive indo na tua casa

Beth -

Como foi que não nos encontramos?

Roberto - Mas, tu estás bem, menina.

Mãe diz, que estória é esta de internamento?

Beth - Pois é, Otavinho me falou

que tu viu todo triste pelas ruas da capital.

A mãe te atochou que tinha me internado.

Caiste nessa estória

Roberto -

Que nem patinho.

Como eu não iria cair?

Não nos víamos fazia horas...

Beth - Devias ter previsto que era mentira da dona Matilde.

...mais um golpe pra fazer nos separar

Roberto - Pois é, ando um tanto marcão

Beth - A barra lá em casa esteve ultra pesada,

mas não chegou a este ponto.

Mãe achou um vidro de dorminhol, marcação em drágeas,

e foi aquele reboliço.

Mas sobrevivi de todos os arranhões e gritos.

Roberto - Como é bom te ver desse jeito! Sorridente..

Fiquei desesperado, nenê. Te enxerguei no meio dos homens de branco...

Tem que ver a tristeza que deu, que sentimento de impotência...

Não poder fazer nada por ti, logo tu, que não tem nada de louca

Beth - Realmente, não dá pra marcar!

Eles são os donos do poder, e basta entrarem numas contigo,

que tu danças bonito nas mãos deles.

Mas, tudo bem, não há motivo pra sobressalto.

Estou me sentindo forte, entusiasmada,

querendo me levantar cedo da cama,

sentindo prazer em poder fazer as coisas...

Roberto - Tenho pensado; justamentenisso.

Se não se faz as coisas agora, em plena juventude,

podes crer que nunca mais se faz nada tão a pleno.

Beth - Juventude é uma só!

Roberto -

Como tudo...

Beth - Mas, tens que ver, disse pra ela que era de um amigo,

e que eu não tinha nada a ver com o pastel,

por que, além de tudo, ela não poderia reclamar,

por que, apesar de todos os cortes, eu continuava indo à escola.

E não marquei!...comecei a fazer todas as refeições lá em casa,

me levantando cedo e estudando

Roberto -

Isso!

Dormir pra descansar, não pra fugir!

Que bom, Beth. Abraça!

(beijam-se)

Roberto - Tenho que te falar...

Tem acontecido tanta coisa

Beth -

Ih! que será?

Roberto - Conheci uma menina, quando estava desesperado por ti.

Foi logo que tua mãe disse que não poderíamos nos ver,

que tu, minha querida Beth, estava internada junto dos loucos.

Essa menina me deu um enorme de um apoioe acabei apaixonado por ela,

af durante uns dias

Beth -

O quê!?

Roberto - Não digo apaixonado, mas envolvido

Beth -

pô! basta a gente não se ver

que já acontece essas coisas



Roberto - Não fica assim...

Isto que estou te falando, não tem nada a ver com a gente, com o amor. O que aconteceu entre eu e a Soninha é algo independente.

Beth - Soninha!

Roberto - O que foi?

Beth - Nada...é que o Pedrinho me falou que tinha te visto com ela

Roberto - Pois é, relutei muito em te falar.

Passsei por milhões de conflitos, sabe como é, a gente tem mania de deixar pra lá os problemas que pintam, de não querer ter incomodação.

Mas, foi aí que me flagrei que tu eras a minha companheira e que se eu me apaixonasse por outro alguém, justamente tu é que deverias ficar sabendo.

Por isso, te falo tudo o aconteceu.

Beth - Tu estás querendo dizer pra gente acabar?

Roberto - Nada disso!

Não entendeste nada do que eu falei.

Repito, o sentimento que aconteceu entre eu e a Soninha, não tem nada a ver com o que eu tenho por ti.

Sinto que contigo a coisa é mais profunda, mas não pude ser indiferente ao que apareceu

Beth - Tu és um estúpido

Roberto - Beth

Beth - Traidor!

Roberto - Trair seria te mentir.

Estou sendo sincero. Me amarro em ti, e isto ninguém vai tirar. Não posso deixar de te contar o que está acontecendo, ou o que aconteceu, por que não conseguiria ser mentiroso.

Queria que eu te mentisse?

Seria a maior traição, nãoé...

(pequena pausa)

Sei lá, uma obrigação nas nossas vidas é ser sincero.

Não quero ser que nem a tua mãe, que diz que tu não estás, que me mente a torta e a direita e que te quer presa...

Quero ir até a última das consequências contigo.

Por que gosto de ti e estou aqui pra gente se conhecer.

Aconteça o que acontecer, quero ser real! E isto só pinta, quando se coloca as coisas na mesa.

A nossa obrigação é superar as falhas da educação, não deixar se dominar pelo medo das complicações

Beth - Eu nunca te traí!

Roberto - Mas, isto não é trair,

não tem nada a ver com o sentimento que eu tenho por ti.

Beth - Este papo aí é teórico, por que a gente acaba se dividindo

Não dá pra amar duas pessoas ao mesmo tempo

(pequena pausa)

Roberto - Me diz por que estou agora contigo e não com a Soninha!

Beth - Sei lá!

Roberto - Eu sei!

Contigo é muito mais completo, e não vai ser outra paixão que vai desestruturar esse grande amor.

Tu tens que ter mais confiança em ti mesma, na gente...

Beth - Acho que estas coisas enfraquecem a nossa transa.

Roberto - Não estou contigo? Não estou presente?

Beth - Não é isso...

É que nunca mais confiarei em ti como confiava antes

Roberto - Por que? Por acaso te menti?

Acho que trair, te repito, seria te enganar e estou sendo sincero. Tenho certeza que estou sendo um companheiro.

Estou me mostrando inteiro, cheio de falhas como eu sou...

Isto não é o maior motivo pra tu confiases em mim?

Escuta, Beth, não tenho medo de me separar de ti.

Estou contigo por que gosto de ti, e estou disposto a levar isto até a última das consequências.

Vê se entende! Quero que tu me conheças como sou, não como eu gostaria que tu me visses



Então, se me acontece alguma coisa nova,
eu vou te contar tudo, por que é isto que vem a ser a nossa
É importante não ter vergonha de se mostrar
Olha, Beth, eu sou assim, estou sendo assim

Beth - Vê só, te adoro!
Só que é duro de admitir...

Roberto - Eu sei.

(se abraçam) A gente tem mania de prorrogar a solução dos problemas,
tem medo de se conhecer verdadeiramente.

Beth - De se mostrar para as pessoas. Tirar a máscara...

Roberto - Não quero ser que nem nos educaram pra ser

APARECE MARIAZINHA

Mariazinha - Olá!

Vocês não viram o Huguinho?

Marquei uma ponte com ele nesta praça,
vim correndo, já estava atrasada...

Roberto - Não vimos, não

Estamos aqui, faz quanto tempo, Beth?

Beth - Umass duas horas.

Fiquei sabendo que vocês estavam na paquera

Roberto - Aquele dia eu desconfiei

Mariazinha - Pois é, tem sido maravilhoso estar com Huguinho.

De repente parece que tudo se completou

cena II

HUGUINHO CONVERSA COM PEDRINHO

CAMINHANDO NA RUA

Huguinho - Esta cidade não apresenta nada pra se fazer...

Pedrinho - Depende do que tu estiveres afim de fazer...

Onde é que tu estás indo?

Huguinho - Tenho um encontro com a Mariazinha.

Vamos junto!

Como eu ia te falando, esta cidade não apresenta nada de bom.

Uma coisa que sacuda a cabeça e o coração da gente.

Pedrinho - Tem os barzinhos da esquina maldita,
depois o lado da Independência, aqueles boites da santo Antônio,
Asenha...ih! mil lugares

Huguinho - Olha, compadre, um dia desses eu fui no Alaska,
e chegou a me dar dó. Fui pra encontrar os amigos,
e não encontrei um sequer, que me desse uma energia boa,
ou que estivesse realmente jovem em plena juventude.
Parece que todos perderam aquele viço, aquela disposição...

Pedrinho - É que a barra está pesada,
quem é que aguenta?

Huguinho - Pois é, mas os amigos servem pra que?

Pra renovar os amigos...

Me pareceu que as pessoas iam pra lá, por que já não se suportavam
mais sozinhas. Chegou a me dar uma angústia, pois por mais incrível
que pareça, apesar desta ansia de encontrar alguém,
ninguém transava com ninguém. Pra aquele cacacá, zoeira,
ninguém entendendo nada e no fim todo mundo saindo dali sozinho.

Pedrinho - Além dessas bocas, teria as festinhas

Huguinho - Onde?

Olha o Roberto!

ENCONTRAM-SE COM ROBERTO

Roberto - Alô!

Pedrinho - Mas, que se faz nesta noite?

Huguinho - Marquei uma ponte com Mariazinha aqui.

Não viste ela, Roberto?

Roberto - Foi comprar cigarro junto com a Beth.

Fiquei sabendo que estão namorando

Huguinho - Pois é...

Pedrinho - É a fatalidade do desejo, não é, Huguinho?

Huguinho - Que nada...

Eu e o Pedrinho estávamos falando que não tem nada pra se fazer
nesta cidade.

Roberto - Realmente, as coisas vão indo muito devagar.

Pedrinho - Cinema não dá pra ir, por que já é mais de dez horas

Roberto - E mesmo que desse, eu não ia.

Não tem nada a ver com a vida da gente.



Pedrinho - Depende...

Roberto - A última vez que eu fui, me deu um enorme vazio.

Quando acabou eu saí sentindo um vazio por dentro, então me dei conta que eu sentia aquilo por que desejava um complemento para minha vida, sei lá, uma solução para meus grilos, o que é óbvio que o cinema não me daria. Assim como não deu...

Huguinho - Isso aí é uma verdade.

Já senti esse vazio, na saída de um cinema

Roberto - Pois é, uma coisa que pode ríamos fazer, seria um jogo da verdade. Aquela da garrafa... Falo isto, por que é bom colocar as coisas na roda. Dizer tudo o que cada um está sentindo e vivendo.

Huguinho - Eis um bom programa pra esta noite de sábado!

Roberto - Tenho conquistado coisas incríveis neste sentido.

Por exemplo, me apaixonei por uma garota e contei pra Beth

Pedrinho - Bah!

Roberto - Milhões de grilos começaram a caminhar na cabeça dela, até aos poucos começar a compreender e confiar em mim, como aquele cara, que está acompanhando ela e se mostrando pra ela, sem medo de complicações

Pedrinho - Tu és uma carinha de pau!

Roberto - Por quê?

Pedrinho - De falar que estavas transando com uma outra menina...

Qual é a tua?! Parece que tu queres machucar a menina!

Huguinho - Tu tens uma idéia de vez em quando,

que é o seguinte, hein, meu chapa (para Pedro)

Roberto - O bonito numa relação é justamente a sinceridade, e tu ficas falando em machucar!

Huguinho - Dou força pra ti, Roberto!

Tem mais é que se ser real, custe o preço que custar...

Roberto - Foi isto que se passou comigo: tive mil medos de me mostrar pra ela, de contar o que tinha se passado comigo, o que estava sentindo lá no fundo. Mas, felizmente, venci este grilo... Tem que ver como me senti aliviado!

Pedrinho - Não concordo com estas atitudes!

Acho que não se tem direito de magoar outra pessoa.

Nestes casos, a melhor saída é mentir!

Se tu não respeitas os sentimentos dos outros, eu respeito...

Podes crer!

Roberto - Tu és um enganador!

Não segura barra nenhuma, não leva nada até a última das consequências.

Não vem com essa estória de sentimentos,

que eu já te manjei; tu tens é medo de perder a máscara!

Huguinho - Quem era a garotinha?

Roberto - Soninha.

Huguinho - Vocês estão juntos?

Roberto - Não...Pra mais paixão do que amor. Entende?

ENTRAM MARIAZINHA E BETH.

BELJOS E ABRAÇOS.

Roberto - Vamos fazer o jogo da garrafa?

Pedrinho - Eu acho que nunca menti pra agora, somente agora, fazer o jogo da verdade.

Até parece que nunca se foi verdadeiro...

Eu, hein...

Beth - Vê se entende, é só uma brincadeira pra gente fazer algo de sadio, nesta noite.

Huguinho - Ninguém falou que teria gente aqui mentindo!

Roberto - Não entendo esta tua preocupação

em afirmar que tu és sincero...

Logo tá, que falaste todas aquelas coisas

Huguinho - Quem insistiu no tema, foi tu mesmo...

Mariazinha - O que foi que houve?

Não estou entendendo nada...

Beth - Pois é!...

Roberto - É uma longa estória.

No jogo, vocês perguntam.

Vamos sentar?

SENTAM-SE

Mariazinha - Falta a garrafa!



Beth - Será que é necessário?

Huguinho - Vale apenas!

Compramos um vinho tinto e ficamos jogando...

Beth - Vai ser bom beber um pouco!

Huguinho - Vamos comprar, Mariuzinha?

Mariuzinha - Todo mundo tem documento em cima?

Sabe como é, hoje em dia ficar conversando em grupo numa praça

Roberto - Conversando, sendo verdadeiro e sincero

Beth - E além de tudo amigo

Roberto - Não é fácil

Mariuzinha - Raro de se encontrar...

Roberto - Todo mundo tem!

Huguinho - Vamos lá, Mariuzinha

HUGUINHO E MARIUZINHA SAEM

ENQUANTO BETH E ROBERTO CANTAROLAM UMA CANÇÃO

Pedrinho - Ih!...gente

Acho bom parar, vai dar sujeira!

Cantar a estas alturas da madrugada

Roberto - (enquanto Beth continua cantarolando)

Que alturas da madrugada, o quê!

São onze e meia.

Pedrinho - Onze e meia e a gente pode acordar alguém e este alguém pode ser invocado e telefonar pra polícia e tu sabes como eles são: qualquer coisinha eles complicam.

Roberto - Tu estás te grilando demais.

As coisas não são assim como a gente pensa.

É diferente, não é crime cantarolar. E nem estamos gritando

Pedrinho - Não estão gritando!?

Roberto - Não tem problema, ainda mais numa cidade, onde todo e qualquer som se perde nestes edifícios.

Beth - Ainda mais numa zona da cidade, onde tudo que é bacanão sai estourando o cano de descarga, fazendo o maior barulhão.

Roberto - Não é motivo pra esquentar a cabeça e ficar com tantos medos

Beth - E também é o seguinte:

hoje é sábado, não é?

CHEGAM HUGUINHO E MARIUZINHA COM UMA GARRAFA DE VINHO E OUTRA VAZIA

Huguinho - Vamos começar?

Roberto - Estava pensando que teríamos que beber todo o vinho pra depois começar, mas ainda bem que te lembraste de trazer uma vazia.

Pedrinho - Lá um gole deste vinho!

HUGUINHO ENTREGA A GARRAFA DE VINHO

ENQUANTO MARIUZINHA GIRA A GARRAFA VAZIA QUE CAI EM BETH

Roberto - Antes de começar, vamos estipular as regras.

Primeiro, não vale mentir.

Segundo, é obrigatório responder às perguntas

Terceiro, valem perguntas de todos os gêneros

Mariuzinha - Enfim, vai ser o velho esquema do jogo da verdade.

Bem, querida Beth, me autorizo a começar a noite de perguntas

Beth - Vai, mas vai devagar, hein...

Mariuzinha - Eu queria saber por que tu não falavas comigo, quando estavas xarope? O que tu tinhas, afinal?

Beth - Nunca quis te falar nada, por que sempre entrei numas que os bodes de cada um devem ser guardados pelo dono. Ninguém tem obrigação de ficar ouvido os problemas dos outros, assim de graça. Mas, já que estamos aqui, e tu perguntaste, vamos lá

Roberto - Beth, desculpa te interromper.

O que está se tentando fazer, agora, é que cada um

seja realmente amigo um do outro, ou seja, companheiro do outro.

Não vamos deixar que se diga as verdades somente num jogo da verdade!

Pedrinho - Ih! nem vem com estes apartes!

Todo mundo sabe dessas coisas...

Huguinho - Não vamos perder o fio da meada, não chegaste a responder a pergunta da Maria, Beth

Beth - Não te falava nada por que não tinha por que falar.

Sei lá, não existia intimidade o suficiente, apesar de tu teres



transado tanto tempo com o meu irmão.
O que eu tinha, era uma espécie de desânimo, proveniente cort
que minha mãe me deu, não me deixando trabalhar.
Roberto e eu voltamos de uma viagem maravilhosa,
onde nós dois nos soltamos às pampas,
E quando nos defrontamos com os mesmos problemas de antes:
a chatice dos velhos, a impossibilidade de fazer as coisas
como antes, meio que eu perei.

A saída que pintou, foi a gente começar a trabalhar,
se libertar dos velhos, por intermédio da grana.
Mas dona Matilde, muito viva que ela é, me proibiu de trabalhar,
falando com o Gilberto que ele não poderia me admitir no estúdio.
Então, fiquei fogueira com ela, e, para me cobrar daquele bando
de totalitários, não quis mais ir a aula, dormia até tarde
entrava me arrastando de tão doída em casa e não queria nada com nada.
Acontece que dona Matilde vasculhando as minhas coisas
achou um vidro de Dorminhol, marcação em drágeas,
e disse que eu poderia vir a ser hospitalizada.

Não quis nada com isto, então desdobrei com o maior brilho.
Voltei à escola, recomecei a fazer as refeições com eles,
conversava com ela e acordava cedinho.

Aliás, desperto cedinho!
Lentamente, tudo voltou ao normal.
E estou amando a vida, por que descobri
que é muito fácil tu perder tudo,
Então, quero aproveitar todos os minutos que eu tenho.
Por exemplo, estou dormindo só pra descansar,
o que antes eu fazia pra fugir.
E estou me sentindo feliz por saber o que aprisiona a gente.
Me diz uma coisa, Mariazinha, te respondi a questão?

Mariazinha - Gostei de te ouvir falar.

Não é bom, quando a gente se abre?
Tudo se torna mais fácil, quando se flui.
Eu, pessoalmente, me esforço para sempre dizer aquilo que sinto,
não para as pessoas me entenderem, mas para eu me soltar.

Huguinho - Muitas vezes, se está tão envolvido com os fatos,
que se torna quase impossível compreender as coisas
sem se falar as claras.

Roberto - Como é bom, colocar os pratos na mesa!

Beth - Tens mais alguma pergunta a fazer, Mariazinha?

Pedrinho - Não vale, fazer duas perguntas seguidas!
É roubo!

Huguinho - Que pinta criança!

Mariazinha - Quem disse pra eu fazer outra pergunta, foi a Beth.

Beth - Ninguém vai tomar o teu lugar, pode perguntar!

Pedrinho - Eu queria saber o que vais fazer da vida?

Beth - Realmente, não sei o que vai acontecer da minha vida.

Vou terminar o segundo grau e, no que vem, trabalhar.

Tem que se esperar os dezoito anos pra trabalhar...

Pedrinho, os planos que eu tenho para minha vida
são ~~maximamente~~ muito imediatos. Não consigo enxergar o meu futuro...

Mariazinha - Mas, tu tens que saber da tua vida.

Se tu não sabes, quem é que vai saber?

Roberto - Deixa de ser chata, ôh, Mariazinha!

Cada um sabe das suas limitações.

Não dá pra ficar exigindo assim dos outros.

Huguinho - Não, meu caro Roberto, o senhor está caindo numa feiosa
contradição. Há poucos instantes, falavas que era necessário
colocarmos todas as coisas na roda, mesmo que doesse,
e agora, estás dizendo pra Mariazinha não exigir da Beth.
Se Mariazinha tem esse temperamento,
por que censurá-la?

Roberto - Não é censurar!

Uma coisa é ser sincero, outra é ficar exigindo atitudes dos outros.

Cada um sabe de si!

Huguinho - Mas pra que serve o amigo?

Pedrinho - Tudo bem, tudo bem...

Não vamos desvirtuar do jogo!

Ela não sabe da vida dela e um dia vai ficar sabendo.

O Roberto se contradisse e agora é a vez do Huguinho.



Huguinho - O que tu mais gostas de fazer?

Beth - Olha, Huguinho, gosto de fazer muitas coisas.

Ir ao cinema, praticar esportes, border

Huguinho - Não, não!

Quero saber mais tu gostas de realizar!

Beth - Gosto das coisas pequenas.

Não sou mulher de ambições. Quando eu e Roberto viajamos, eu bordava muito

Huguinho - Pois é, Beth, dentro dessas coisas que estamos definindo,

vê se tu achas as coisas que tu realmente tu gostas de fazer.

É o único meio de saber o que tu poderias vir a fazer...

Beth - Esqueci de falar na fotografia.

Eis uma coisa que comecei a transar com o Gilberto, que realmente me desbancou. Sei lá, descobri que era uma forma de compreender as coisas e me expressar

Roberto - Eu sempre achei que o teu fim estaria na fotografia,

sei lá, se por causa do Otavinho

Pedrinho - Estamos chegando na finalíssima:

Huguinho passa para Roberto, Roberto pensa no que fazer,

no meio da indecisão Pedrinho tira sarro,

Mariazinha exige de Roberto e vamos indo para o final

da primeira rodada

Roberto - Não tenho nada o que perguntar para Beth.

Nós sempre falamos tudo muito às claras

Todos - Diz, diz!

Mariazinha - Tem que fazer uma, senão não tem graça...

Roberto - Então tá, diz se gostas de mim!

Darias a vida por mim?

Beth - (beijando o adolescente) Claro que sim!

Pedrinho - Lá um gole desta água!

Huguinho - Bem, agora vamos girar outra vez a garrafa

GIRAR A GARRAFA E CAI EM BETH, quer dizer, EM PEDRINHO

Mariazinha - Ah! agora é que vai ser!

Roberto - Tenho milhões de perguntas...

Beth - Eis a parte do jogo que eu mais esperava!

Huguinho - Bem, começa pelo lado direito, não é?

Roberto - É mesmo, devia ter começado por mim na vez de Beth!

Ficaste devendo uma, hein, Mariazinha!

Huguinho - Bem, já que começa comigo...

Por que tu sempre tens tanto medo?

Pedrinho - Realmente, não sei.

Tu achas que ando com medo? Sempre penso que estou melhor!

Antes é que era brabo...

Roberto - Há poucos minutos estavas grilado em cantarolar!

Pedrinho - Também, não dá pra confundir medo com ingenuidade.

Não acho que seja muito bem dançar gratuitamente.

Existe toda uma barra, não dá pra se descuidar...

Huguinho - Mas, em relação às pessoas, aos amigos?

Pedrinho - Que é que tem?

Huguinho - Por que não falas às claras?

Roberto - Quem não está sendo claro é tu, Huguinho.

Pedrinho - Pôxa, quando é que não falei às claras?

Huguinho - Pedrinho, não estou afim de te esculhambar.

Só quero saber por que tu não dizes as coisas de um modo mais claro.

Por que tu tens tantos medos em relação às pessoas?

Estás sempre com precauções, evitando dizer o que sente,

se adiantando nos lances, só pensando em ti...

Beth - Hugo, eu acho que estás exagerando.

Muitas vezes, ele faz estórias, mas não é sempre assim.

Já levei bons papos com ele, não é Pedrinho?

Roberto - Todos nós temos esta tendência.

Sei lá, muita confusão na cabeça da gente.

Já cansei de não saber o que estava sentindo

e nem conseguir me expressar. Assim:

estar no meio de um papo e de repente esquecer o que estava falando

Mariazinha - Vamos deixar o Pedrinho falar!

TEATRO DE ARENA - 226-0241

Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000



Pedrinho - Talvez eu não confie em vocês o suficiente para dizer o

Também, aquilo que Roberto falou, é muito certo.

Muitas e muitas vezes eu nem sei o que estou sentindo para poder falar pravalguém.

Beth - Pedro, diz por que tu és tão adiantado?

Pedrinho - Bah! não sei.

Tu me achas adiantado?

Todos - Todos nós te achamos adiantado

Roberto - Le novo, no teu

Todos - Todos nós te achamos adiantado

Beth - Tu sempre pensas em ti no primeiro lugar.

Pedrinho - Mas todo mundo é assim!

Roberto - Não mesmo,

eu não sou assim, Beth não é assim, mil gentes não são assim.

Pedrinho - Talvez seja um costume...

Mariazinha - Isto tu tens que corrigir, é muito feio, prejudica o equilíbrio do grupo

Beth - Não fala, tu também és assim...

Roberto - É mesmo, Mariazinha

Huguinho - Oh! gente, não vamos brigar.

Isto aqui é um momento de encontro,

não se justifica ficarmos brigando.

Roberto - Queria saber por que tu não confias nas pessoas, aquela hora falaste. Por que é assim?

Pedrinho - Realmente, não sei por que é assim...

Talvez vocês entrem numa que está mentindo,

que não estou sabendo o que dizer, que estou desdobrando

ou subentendendo. Mas, na verdade, não sei por que acontece...

Beth - Que nada...

Pedrinho - Sinto que tenho um freio.

Algo que me separa das pessoas, que me faz duvidar delas, que não me deixa entregar.

Roberto - Talvez a causa esteja no passado: traumas de infância.

Freud é que falava nisso...

Huguinho - Freud que vá puta que pariu,

por que nós estamos sendo amigos, e não existe motivo pra desconfianças.

Estamos nos mostrando uns aos outros, e essa de passado não influencia

em nada se a pessoa entra numa de aproveitar os estímulos do momento

para se libertar dos grilos.

Pedrinho - Só queria falar uma coisa: não estou entendendo esse pega.

Não estou mentindo pra vocês, estou me abrindo.

Mesmo quando digo que naturalmente eu desconfio das pessoas.

Que é que vocês querem que eu faça?!

Estou sendo sincero, costeto isto em mim...

Todos - Ai, Pedrinho! Sincero, hein...

PEDRINHO LEVANTA OS BRAÇOS IMITANDO VENCEDOR

Mariazinha - Eu queria repetir a pergunta da Beth,

por que tu és tão adiantado?

Pedrinho - (um pouco desapontado)

Em primeiro lugar, não sei direito por quê,

em segundo lugar, é costume

e em terceiro lugar, se eu me aprofundasse,

poderia te dizer que é pelo medo de ser enganado.

Então, antes que se esqueçam de mim, eu me esqueço dos outros.

Sabe, já fui passado pra trás muitas vezes na vida,

e agora não marco mais.

E tenho toda razão, por que no caso deste vinho,

eu participei na divisão da grana,

e se eu não me adianto naquilo que me cabe por direito,

alguém vai se esquecer de mim, e eu vou acabar não bebendo

o quanto eu quero beber...

Roberto - Compreendemos, só que ninguém falou em vinho

Beth - Tu és um adiantado culpado...

Roberto - Ninguém iria tirar o teu pedaço

Estamos entre amigos

Mariazinha - Só na tua cabeça, não é?

Pedrinho - Pois é, estou sendo sincero...

Huguinho - Não adianta ser só sincero.

É necessário se dispor a mudar

Senão não tem sentido ficarmos aqui falando dos nossos grilos.

Roberto - Estamos aqui pra mudar, pra crescer...

Pedrinho - Já estou ficando enjoado deste jogo, só se vê os defeitos dos outros...

Huguinho - Estamos tentando arrumar as falhas mutuamente. Não vê o quanto é ruim ficar se adiantando nos lances? Estraga todo o astral!

Beth - Bacana é todo mundo ficar se conhecendo

Roberto - Muitas vezes fazemos as coisas sem nos dar conta

Beth - Então, quando existe do teu lado alguém que te conheça, tu podes não cometer estes erros. Ser alertado

Roberto - Crescer, evoluir

Pedrinho - Vamos girar a garrafa! (fala chateado)

Huguinho - Oh! cara, não fica assim, não adianta nada.

Roberto - É bom a gente se conhecer

Beth - Desse jeito nunca vamos ficar unidos, se tu ficares chateado em te mostrar

Roberto - Quando não se está sozinho, ficamos mais fortes!

Mariazinha - Chega, chega!

Vamos girar a garrafa.

A GARRAFA GIRA E APONTA PARA BETH

Beth - Isso não vale!

A GARRAFA GIRA E APONTA PARA O ROBERTO.

Beth - Me dou o direito de começar, já que Maria iniciou antes.

Diz, sinceramente, como tu enxergas este nosso grupo.

Fala de nós!

Roberto - Muito boa esta pergunta!

Huguinho - A melhor que já pintou.

Roberto - Estou gostando de ver as coisas como estão ficando.

Estou gostando de nós. Todos tão próximos e interessados uns pelos outros. Com a exceção de Pedrinho, que não entendeu muito bem a importância do que está acontecendo agora, conosco: esta possibilidade de uns conhecerem os outros e se ajudarem nas falhas.

Estou gostando de ver que as coisas estão tocando fundo dentro de cada um, a um tal ponto de rolar briga, às vezes.

Vejo que todos nós estamos muito preocupados com o que fazer da vida.

Todos afim de se definir. Não conversei muito com Mariazinha, mas sinto que ela deve estar nessa. Conheço Huguinho o suficiente pra dizer que ele vai se dar bem. Mesmo que não tire faculdade e nem esteja interessado em diplomas. Confio em ti, por que tu tens garra e sabes poetar. Beth, tu vais acabar fazendo fotografia e o Pedro,

um bom profissional liberal.

Enfim, vejo que a definição de cada um não é problema, por que mais cedo ou mais tarde a coisa engrena.

Sei que a gente faz parte da classe média, e, mesmo que não queira, somos privilegiados. Sempre teremos um emprego melhor do que um cara que nunca estudou, ou seremos mais bem alimentados e fortes do que alguém que nunca comeu carne. O problema, propriamente dito, é como continuaremos nos relacionando.

Quais são os nossos objetivos comuns?

Será que a competição do vestibular será o nosso único elo?

Quais são os nossos ideais?

Vejo que nascemos sem isto, e quem tinha perdeu ao longo dos tempos, ao longo das frustrações. Não temos mais critérios comuns a seguir, quer dizer, estamos divididos, separados pela ansia de subir na vida, pelos sentimentos de posse, pela vontade de querer ser e não apenas ser. Nunca falamos nas coisas que poderíamos fazer juntos.

Huguinho - Teve uma época que era o cabelo comprido o nosso elo.

Mariazinha - Antes disso, teve uma época que as pessoas se reuniam em passeatas pelas ruas

Huguinho - Não que naquela época as coisas fossem melhores que agora, mas todos estavam unidos pela mesma necessidade

Roberto - O que, agora, não tem!



Pedrinho - Não podemos nos esquecer que não foi de repente que as coisas ficaram desse jeito. Existe uma puta duma barra que todo mundo sabe.

Roberto - Eu sei que não foi assim no mais. Muita gente morreu, foi presa, saiu do país e nós todos que estamos aqui agora mal sabemos dessas coisas. O pior de tudo é que não queremos nada com nada. Olho em volta e fico decepcionado...

Pedrinho - Não é pra menos... Quem quer apanhar?

Roberto - Escutem, não falo de sonhos. Romantismo. Acho que estamos longe de mudanças radicais, mas não é crime ser amigo. Ter amigos. Amigo mesmo, coisa forte e fiel, papo acertado, sinceridade e mudança nos nossos valores. Isto tudo entre nós, entre amigos. As relações de amizade procurando novas saídas! Cada amigo a seu jeito, mas renovando pra se renovar neste cemitério de desconfianças.

Beth - Na realidade, o pessoal está fechado por que todos, de um jeito ou de outro, já levaram na cabeça. Quem já não se enganou com os outros? Quem quer, espontaneamente, se decepcionar novamente?

Roberto - Pois é, mas temos que, podemos até
Pedrinho - Ih!

Roberto - Quero dizer que, não cometeremos os mesmos erros do passado, se ficarmos atentos! Lá pra se transformar as coisas! Essa mania de pensar é impossível mudar o rumo das nossas vidas é a coisa mais falsa que incutiram na cabeça da gente. Sabe por quê? Por que de qualquer jeito, as coisas mudam... Com a mão da gente ou sem a mão da gente!

Huguinho - O que poderíamos fazer junto?

Beth - Alugar um apartamento ou fazer um trabalho junto

Huguinho - Um jornalzinho

Roberto - Estudar determinados assuntos pra esclarecimento nosso.

Mariuzinha - Ou continuarmos sendo sinceros!

Pedrinho - Olha, turma, sem sonhar eu digo que é melhor não ficarmos nos planos. Vamos ver o que acontece entre nós e depois fazer coisas novas

Huguinho - Que pinta tesoura!
Roberto - É, mas não vamos cair em devaneios.

Ele está certo quando nos diz pra aterrizarmos.

Beth - Niaguêta está voando!

Roberto - Sintetizando: temos que nos antenar! Sempre alerta, aquele velho papo...

Huguinho - Eles fecharam as portas para nós e nos uniram com a competição de subir na vida e tudo o que fizemos em grupo, se despreendendo desta ansia de vencer, será ótimo. Magnificamente ótimo!

Beth - Isto não é só com a moçada. Todos estão corrompidos!

Mariuzinha - Mas a moçada anda pra lá de Marraquesh...

Roberto - E no entanto, a juventude só dá uma vez na gente. E quem está sobre o planeta, agora, somos nós.

Como tu mesmo falaste, aquela vez, Huguinho: Castro Alves e todos estes poetas da antiga eram bacanas, coisa e tal, mas já não estavam respondendo às necessidades de quem está vivendo agora. Por isso torna-se necessidade novos poetas. Gente que fale das coisas que estão acontecendo neste momento, pois só quem está vivendo é que pode gritar.

Huguinho - É chegada a hora de tomarmos posição no planeta.

Assumirmos, humildemente, que somos seres vivos e que podemos amar e inclusive ser feliz.

Roberto - Mas pra isto!...

Roberto - Somente os que estão vivendo em 1978 é que sabem daquilo que está acontecendo agora...



Mariazinha - Continuando, diga daí, Roberto o que tu pretendes fazer no plano pessoal? Me falaram que estavas em dúvida!

Roberto - Ah! eu me decidi que vou ingressar na maratona do vestibular, pra poder ingressar numa faculdade e depois lecionar, que vem a ser o que estou afim de fazer. Quero ensinar história. E pra isto tenho que ter diploma, todas estas coisas assim... Sabe, eu não crio como o Hugo que é poeta, que poderia não estudar e ainda se comunicar. Mas eu tenho que usar destas possibilidades, mesmo que fajutas, pra poder atuar aí no mundo. E desde que eu esclareça a cabecinha de uma pessoa que seja, me dou por satisfeito!

Mariazinha - Tu achas que um curso como esse que nós temos aqui na universidade, poderia te dar uma boa base? Tu acho que não!

Pois é... (disse o Roberto) sei disso! Mas a possibilidade de lecionar só vem com o diploma. Que vou fazer?

Pedrinho - Pra quebrar o clima metafísico, quero saber se tu bates pinheta?

Roberto - Não. Mas já bati muitas no decorrer da vida...

Huguinho - Fechando a rodada, vou fazer a última pergunta. O que tu achas de ti mesmo?

Roberto - Perguntinha furiosa, essa tua, hein... Não consigo ter uma visão muito clara de mim mesmo. Tenho mil defesas e não consigo ser objetivo o suficiente pra não me envolver com os meus próprios problemas. Mas posso te dizer que me sinto pressionado por todos os lados, desde os obstáculos economicos até aos familiares, culturais, amorosos. Sem se falar dos grilos internos como as imagens que tenho de mim mesmo, a vaidade, a distração e todas estas falsidades que me atrapalham paca. Me vejo como um homem jovem, que passou a infância e a adolescência inteira sem perceber na carne que era homem, que poderia transformar as coisas, se quisesse... Me vejo como um cara no meio de uma multidão com medo e que está desinformada de tudo, ou melhor desinteressada de tudo. Mas sinto que não sou mais aquele menino de dez anos, e que a vida está passando depressa demais pra gente não se soltar!

PEDRINHO ESTÁ QUASE DETERMINADO

Mariazinha - Falta nós dois, Huguinho! Vamos tirar par ou ímpar?

Huguinho - Não, não precisa! Pode ir na frente, não me importo.

Mariazinha - Ah! malandro... Vamos fazer o par ou ímpar!

Huguinho - Tá legal!

JOGAM PAR OU ÍMPAR E MARIAZINHA PERDE
COMEÇAM AS PERGUNTAS E A CENA CORRE EM SILÊNCIO
ENQUANTO SÓ UMA CANÇÃO.
A AÇÃO FICA LENTA, LINGUIDA
PEDRINHO BATE COM A CABEÇA DETERMINADO

Mariazinha - O que eu posso te dizer a respeito da transa com o teu irmão, é que já não dava mais. Havíamos esgotado todas as possibilidades de vida equilibrada entre nós. Sei lá, Beth, eu e Otavinho nos transávamos bem, mas depois que fomos morar juntos, realmente não nos suportamos mais. Brigávamos por qualquer coisinha.

Beth - Tu te separaste dele antes de conhecer Huguinho?

Mariazinha - Foi. Mas não demorou muito, não teve intervalo...

Roberto - E sabesdo Otavinho?

Mariazinha - Pouco. Muito pouco. Nos falamos só uma vez, pra destransar o apartamento, e nem tocamos no particular de cada um.

PEDRINHO DORME



Mariazinha - Vamos acordá-lo?

Beth - Não! Deixa ele dormindo, ele é assim mesmo.

Um cara desligado das transas de grupo.

Queria te fazer uma pergunta hugo!

Tu sabes que o Paulo tentou se matar,

Jorginho e Mario estão totalmente pirados:

não falam com ninguém.

E de todas as pessoas de nossas relações, tu foste o único

a não sentir pena deles. Pelo contrário, ficaste brabo com a atitude dos camaradas.

Por quê?

Huguinho - A coisa é bem simples, Beth.

Todos passam por problemas: classe média é uma classe cheia de ansiedades

tem medo de afundar e luta pra subir. E no meio destas batalhas, muita gente se frustra, por que ambiciona certas coisas e não alcança

a meta. Por exemplo, os milhões de frustrados no vestibular...

E o que acredito é que não é pirando que se soluciona estes grilos.

Tu podes notar que as pessoas que adoideceram, ou tentaram se matar foram pessoas que lentamente se afastaram do convívio das outras pessoas.

Gente que nunca mais confiou em alguém o suficiente

para chorar no ombro deste alguém e dizer o que realmente sentia.

Sei que todos já se desaludiram com as pessoas,

por que realmente tem muita gente que apronta e decepciona

os outros. Mas, realmente, isto não é motivo pra se desacreditar.

O novo sempre acontece!

E tem mais uma, para as pessoas que perderam a cabeça,

as frustrações foram maiores do que a possibilidade de superar estes

entraves. Estes acabam se entregando ao desânimo, aos pensamentos inúteis

e ao medo do desconhecido. São pessoas que não acreditam mais em si,

nem nos outros.

Então, Beth, eu não senti pena destas pessoas.

Não gosto destas reações.

Quando eu soube que o Paulo tinha tentado se matar, eu tive vontade

de passar um chingão no menino. Dizer pra ele que era feio e inútil

abreviar uma vida que já era certa de seu fim.

De qualquer jeito se morre um dia, pra que arregaçar tão cedo,

pra que desistir?

Então, Beth, de jeito nenhuma eu iria sentir pena dele, por que ele é

um homem e marcou bobeira. Brincou com uma coisa muito séria,

se deixou vencer por este maldito sentimento de impotencia

que deram pra nós, de graça.

Beth, amar não é fazer cafuné no cabelo ou dizer tudo bem para as

marcações dos outros. Amar é dar um tapa na cara quando for necessário.

Amar é levar a sério a vida da outra pessoa,

e não se deixar desculpar ou passar. Lances como cortar os pulsos.

Amar não é sentir pena!

Mariazinha - Te acho ultra-frio!

Acho que nunca te sentiste mal ou confuso...

Huguinho - Já me senti mil vezes mal e sei saída.

Só que insisti comigo mesmo naquela teimosia de acreditar

que amanhã é outro dia. De não afrouxar, não desistir...

Já me senti milhões de vezes mal, mas saí por aí falando pra todos

que eu estava passando mal. Nunca tive vergonha de chorar nos ombros

de alguém, de me soltar, de ir até o fundo daquela chaga

pra ver se realmente eu sobrevivia.

Quantas vezes, Roberto, já me viste desesperado por aí?

Quantas vezes já chorei na tua presença me sentindo fraco

e impotente?

Pois é, a conclusão que se chega, é tudo com o coração que bate

teimoso e apaixonado. Sei lá, tanto as coisas boas como as ruins

passam. É uma verdade irremediavelmente certa.



Vou dar um toque: toda esta sacação começou quando me dei conta que estava sempre lendo os letreiros na rua. É que tinha mil coisas além dos letreiros que eu poderia curtir em vez de ficar tipo robo que lê tudo que aparece pela frente. Então fiz um esforço enorme pra acabar com aquela mania. Quando eu me flagrava olhando um letreiro, eu ficava todo sério e revoltado por dentro e olhava tudo o que estava em volta e não me deixava me envolver pelas cores bonitas e sensuais de todo cartaz. Isto foi o começo.

A partir daí comecei a cuidar do meu corpo, por que já sentia ele presente em todo lugar que eu estivesse, e se tornava necessário ele ser forte pra aguentar todos os tropeços da vida. Comecei a fazer ginástica. Lentamente comecei a fugir do suicídio geral das pessoas da nossa época. Lentamente comecei a me afastar daquela tendencia de não gostar de mim, de maltratar minha carne, meus sentimentos, minhas idéias, tudo por acreditar mais na impotência do que na vitória. A partir daí, tudo o que eu olhava, eu procurava não pensar. Procurava sentir realmente o que estava acontecendo, sem me iludir. Por isto, eu detesto os suicidas e exijo dos doidos, o contato com as outras pessoas, por que simplesmente, eu não teria a carinha de pau de me iludir ou ser indiferente com as coisas.

Conheço esses esquemas...
Marianinha, eu não sou frio. Me comporte assim, por que estou mais próximo da vida do que da loucura.

Marianinha - Agora eu entendi,
e me amarro nas tuas palavras

Roberto - Em termos, agora, seria a vez do Pedro
Vamos acordá-lo?

Beth - Não, deixa ele dormir, ele preferiu...

Roberto - Eu queria dizer uma coisa:
espero que a sinceridade e a vontade de estar sempre presente
não fiquem apenas neste jogo da verdade.
Que isto se torne um hábito!

Beth - Começa a me dar um medo...
Sabe, quando as coisas são muito bonitas, eu levo medo.
Sinto que passa, que todos estes momentos não se repetem nunca mais.

Roberto - Não, não importa o que vai acontecer

Huguinho - Temos muita coisa que fazer hoje.

Roberto - Se a gente cuidar com o que faz,
as coisas, naturalmente, vão melhorar...
Olha, turma, não vamos pensar quanto tempo temos que ficar junto,
por que não se pode adivinhar.
Temos que continuar neste embalo, até não sei quando...

Huguinho - E quando chegar a hora da separação vai acontecer
sem choros...

Marianinha - Isto não pode ser motivo de tristezas, Beth
Inclusive, quando a gente se separar,
vamos levar pras outras pessoas a maravilha desta experiência...

Huguinho - De ser sincero e companheiro

Beth - Olha, está amanhecendo!

TOCOS SE LEVANTAM - Está amanhecendo!...
DE MÃOS DADAS CAMINHAM FRENTE AO PÚBLICO

Roberto - Chega mais, Pedrinho,
a peça está acabando, vamos caminhar juntos...

UMA SINÓPSE DA PEÇA É DITA P/R CADA ATOR
COM TRECHOS JÁ DITOS EM OUTRAS CENAS.